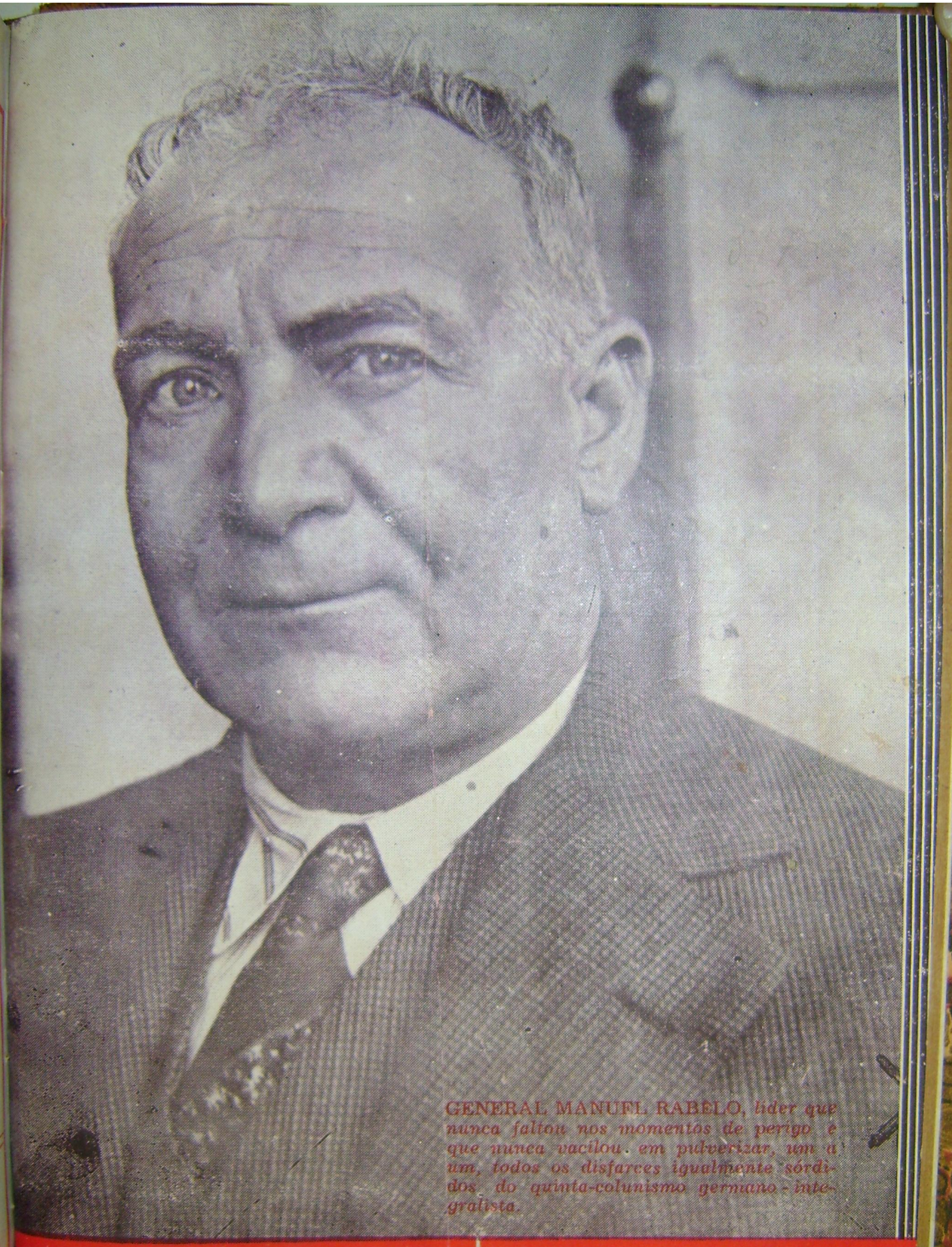


GENERAL MANUEL RABELO, *líder que nunca faltou nos momentos de perigo e que nunca vacilou, em pulverizar, um a um, todos os disfarces igualmente sórdidos, do quinta-colunismo germano-integralista.*

SEIVA

Mensagem aos povos da America

ANO V - JULHO - 1943

BAHIA — BRASIL

PREÇO CR. $1,50

Brasileiros! trabalhemos pela causa da vitória aliada

CASA ALBERTO

Permanente exposição de roupetas para crianças, casemiras, Brins de Linho, gravatas, Camisas, etc.

GRANDES NOVIDADES PARA HOMENS

SEÇÃO DE PERFUMARIAS

CASA ALBERTO — Rua Chile N. 14

SALVADOR — BAHIA

COCHE DE LUXO

CASA ADORNATIVA

FUNDADA EM 22-10-1909

PRAÇA CAIRÚ, 9 — TELEFONE 2703

Serviço Funerário completo e Corôas Mortuárias.

Decorações Festivas, Velas e Milagres de Cêra

PREÇOS OS MAIS VANTAJOSOS

Vicente Pacheco de Oliveira

TEL. DA RESIDÊNCIA, 3703

TABELA:

Coche de luxo	$500,00
Automovel de 1.ª classe	$250,00
Idem de 2.ª classe	$60 00
Idem, branco, 1.ª classe	$250 00
Idem, branco, 2.ª classe	$100,00

PASTELARIA CENTRO UNIVERSAL

CASA MATRIZ

Amoedo Vidal & Cia.

RUA JOSÉ GONÇALVES, 14

TELEFONE N. 3404 — BAHIA

CASAS FILIAES:

Pastelaria Centro Popular

Rua 3 de Maio N. 1 - Tel. 2655

Armazem Centro Popular

MONT ALVERNE N. 5

Padaria Pastelaria e Fabrica de Café «CADÊTE»

Rua Dr. Seabra, 368 a 372 — Tel. 3022

ARMAZEM CADÊTE

Rua Padre Agustinho Gomes, 7 - Tel 4193

SEIVA

MENSAGEM
AOS POVOS DA AMÉRICA

(Registrada no D. I. P.)

ANO V — Num. 18

JULHO DE 1943

EXPEDIENTE

Redação e Administração:

RUA CHILE, N.º 25
(Ed. Chile) 5.º andar—Sala 59
BAHIA—BRASIL

Diretores

JOÃO DA COSTA FALCÃO
WILSON DA COSTA FALCÃO

Secretario
Jacob Gorender

Redatores:

Almir Matos
Rui Facó
Jacinta Passos

João Batista
Redatores Correspondentes no Rio

Aldenor Campos

A. SANTOS MORAIS

Ilustradora

Ediria Carneiro

Distribuição:

PARA TODO O BRASIL

Distribuidora Internacional

Rua do Rosário, 129 — 4.º andar
Cx. Postal 3542—Rio de Janeiro

Agentes na Capital e nas principais cidades do Estado.

ASSINATURA

Por doze números, sob registro:

Capital	Cr.$15,00
Interior e Estados	Cr.$20,00
Estrangeiro.	Cr.$25,00
Número avulso ...	Cr.$ 1,50

SUMÁRIO

POLÍTICA, ECONÔMIA E CIENCIA

Crise da doutrina militar francêsa..MAX WARNER 14
Os católicos alemães em guerra contra Hitler 19
O que esta guerra representa para as mulheres MARIA YEDDA LEITE 21
Depois desta guerra.... ANTONIO OSMAR GOMES 22
Para frente, à vitória..... BORIS GARBALOV 23
Deveres do cidadão em tempo de guerra THOMAS MANN 25
A constituição segue sendo a bandeira de luta para o povo argentino .....RODOLFO PUIGGROS 28
A atualidade de Rui NELSON DE SOUZA SAMPAIO 31

HISTÓRIA, ARTE E LITERATURA:

Sangue negro do Brasil..... JACINTA PASSOS 10
Canto a Bolivar — PABLO NERUDA — Trad. de JORGE AMADO e MANOEL CAETANO FILHO 26
Literatura de guerra..... GIOVANI GUIMARÃES 30
Nestor Duarte e o romance rural..... ABELARDO FERNANDO MONTENEGO 36

REPORTAGEM:

ENTREVISTA ESPECIAL DO GENERAL MANUEL RABÊLO — O povo brasileiro anseia pela participação na luta — Os soldados devem ser treinados para a guerra e não empregados em serviços inuteis — Na União Nacional não pode caber a quinta coluna — A dissolução da Terceira Internacional. JACOB GORANDER 5

SEÇÕES:

NOTA DO MÊS: — Não recuaremos, nesta guerra 3
PROBLEMAS DA GUERRA ATUAL: O carater fundamental da presente guerra—Conceitos falsos e impróprios da presente guerra... ROBERTO SISSON 7
CINEMA E RÁDIO: Em torno do cinema político WALTER DA SILVEIRA 33
MOTIVOS NACIONAIS: A batalha da borracha — A alimentação é um problema chave 35

NOTAS DE REDAÇÃO:

Mensagem de Roosevelt a Stalin — Instalação da Sociedade Amigos da América — O Presidente Vargas e a União Nacional — Os francêses na libertação da Africa — As mulheres e a guerra atual — Bolivar e o Panamericanismo—O dia da Bandeira Americana—A hora da Segunda Frente — O 2 de Julho.

Restaurante Pan-Americano

Rua Padre Vieira, 23

CIDADE DO SALVADOR

Estado da Bahia

▼

Funcionando dia e noite para bem servi-lo.

Companhia Construtora Nacional S/A

Séde Rio de Janeiro

Executora da
PRAÇA DE ESPORTES
e da
ESCOLA AGRONOMICA
DA BAHIA

Bahia—Rua Chile, 3—3.º and.—Tel. 2552

Diretor — ARISTOTELES GOES E. C.

Dr. Gothardo de Araujo & Cia.

• DROGUISTAS

Importadores e Exportadores

◆

Rua Guindastes dos Padres, 3

SALVADOR — BAHIA

COMPREM OBRIGAÇÕES DE GUERRA

ALÉM DE RAROS, ESTÃO SUBINDO...

...os materiais necessarios aos serviços que minha Companhia fornece ao público. É por isto que vou catando o que encontro nas prateleiras do almoxarifado e economisando o que tenho, porque, economisando o que temos concorremos para a VITÓRIA — diz "Seu" Kilowatt, o criado elétrico.

Cia. Energia Elétrica - Tel. 1179

Pastelaria Triunfo

— DE —

Feliciano Gonzalez & C.

Praça Municipal, n. 2 — End. Teleg. TRIUNFO — Telefone, 2995 — BAHIA

Completo e variado sortimento de Generos alimenticios de primeira qualidade.

Vinhos finos — Fabrico especial de doces — Especial manteiga sem sal — Objetos para presentes.

SEIVA
Mensagem aos povos da America

REVISTA MENSAL DE CULTURA
Ano V — Num. 18
Julho de 1943
BAHIA — BRASIL

NOTA DO MÊS

Não recuaremos, nesta guerra

O POVO BRASILEIRO vive os seus momentos mais decisivos. Cada mês que nos distancia da declaração de guerra e nos aproxima da vitória dos povos amigos da liberdade sobre os inimigos de morte do gênero humano, reclama com mais urgência a solução dos problemas, aos quais estão ligados os destinos da nacionalidade. A guerra pela defêsa da pátria, pela independência e pelo progresso do Brasil, está condicionada à capacidade de nosso povo de levá-la às suas últimas e mais necessárias consequências. Isto é: da maneira como seja conduzida a nação, da maior ou menor intensidade de nosso esforço e da mais ou menos audaciosa política e economia de guerra, dependerá fatalmente, a maior, ou menor garantia de nossa independência política e econômica. Os nossos destinos estão indissoluvelmente ligados ao resultado das batalhas que travam os nossos aliados anglo-soviético-americanos. A luta que esta coligação sustenta contra o imperialismo germano-fascista confunde-se com a auto-determinação e o progresso de todos os povos do mundo. E a esta altura dos acontecimnetos, já não resta dúvida de que a vitória se decidiu para o nosso lado. Entretanto, da nossa ação interna resultará o maior ou menor aproveitamento destas extraordinárias condições internacionais. Por isso, afirmamos estarmos vivendo momentos decisivos. E um povo como o nosso não poderá perder a oportunidade destes dias.

Eis aí o nosso problema fundamental: ganhar efetivamente a guerra e a paz; o que quer dizer: fazer uma política de guerra ativa e popular. A não ser assim, ganharemos um "presente de grego", ou melhor, será a quinta-coluna quem ganhará a guerra, porque de nosso sacrifício, e do sacrifício dos demais povos, não advirão conquistas suficientemente compensadoras, tanto no terreno nacional como internacional. Nesta guerra, deveremos ganhar muito para a nossa auto-determinação, progresso e liberdade. Está nas mãos das forças vivas da nação o tranfo dessa conquista.

Mas, objetivos tão grandiosos e complexos não se alcançam por acaso, mas através de uma política justa, firme e decisiva.

Que caminhos nos levarão à vitória e à liberdade e independência da Pátria?

Os caminhos da Unidade Nacional; da ajuda econômica e militar às Nações Unidas; da participação ativa no conflito e de uma mais rápida e eficiente mobilização; da colaboração prática e política do povo, tornando a nossa guerra, uma guerra do povo; da intensificação do combate racional e eficiente à quinta-coluna, com a ajuda popular; do reforçamento da batalha da produção, em moldes científicos, realistas e empreendedores, capazes

de vencer os grandes obstáculos que a venvencer os grandes obstáculos que a teem entravado.

E' evidente, que apesar dos patrióticos propósitos do Presidente Vargas e tantas outras autoridades, de realizar plenamente sua política de guerra, não se pode ocultar honestamente que com quanto andassemos bem no terreno econômico, militar e político, todavia andamos menos do que podiamos ter andado. Estamos um pouco atrasados, em relação às nossas próprias possibilidades. E' que ainda não foi dado aproveitar todo o vigor, força e decisão do povo, nem foi realizada a política de guerra do chefe do governo, em sua plenitude. Em relação à unificação nacional, fator ao qual estão ligados todos os demais problemas, não chegamos ainda ao ponto em que os interesses de nossa própria defesa reclamam. Neste particular, é preciso superar todas as dificuldades que estejam retardando o processo de formação de um bloco nacional que seja capaz de alcançar os milagres de fôrça, resistência e capacidade de trabalho, que se realizaram na China, na Inglaterra e na União Soviética. Em relação a isso, então, é que com mais energia e urgência terão que ser tomadas as medidas, afim de que sejam chamados ao trabalho ativo pela defesa de nossa independência, do progresso nacional e de nossa própria democracia, todos os setores sociais e políticos, bem como todos os lideres do povo. E' preciso não esquecer que ainda não chegamos à unificação necessária ao aproveitamento de todas as nossas fôrças. E isto devemos em grande parte ao trabalho, ainda eficiente, da quinta-coluna, dos setores filo-fascistas e mais reacionários, que se esquecem, propositadamente ou por estupidez, que primeiro que tudo havemos de reunir todas as nossas fôrças se queremos sobreviver com liberdade e independência. A eliminação desses focos nocivos à pátria, torna-se imperiosa, já e já. O povo está preparado para prestigiar e ajudar a ação do Presidente Vargas e das figuras democráticas da administração nacional, no sentido de esmagar estas "cabeças de ponte" do fascismo em nosso país.

Ao mesmo tempo, a guerra ativa, a participação direta do Brasil no conflito, com o envio de tropas para a frente de batalha, será um fator indispensavel para que possamos aproveitar a riqueza do momento histórico que vivemos.

Esta é umas das condições essenciais para ganharmos a paz. Desta forma, conquistaremos o direito de ajuda e colaboração das nações economicamente fortes, das quais em grande parte dependerá nosso progresso futuro. Quanto maior fôr a nossa contribuição para o esmagamento dos inimigos da Humanidade e da civilisação, maior será o nosso direito a uma completa auto-determinação econômica e política.

Em relação à política internacional, este fato creará vinculos de prestígio e solidariedade entre o nosso país e as demais Nações Unidas, sobretudo os Estados Unidos, a Inglaterra e a União Soviética, que nos permitirão, através acordos e concessões, auferir grandes vantagens. E em relação à política nacional, ao nosso desenvolvimento econômico e político, este fato provocará, como já está provocando, um maior surto industrial, agricola e comercial, como está acontecendo com a siderurgia, a borracha e indústrias ligadas ao esforço de guerra, e como acontecerá em breve com o petróleo, e creará tambem condições para a evolução política do país para uma democracia cada vez mais justa e efetiva.

Aí estão os fatores decisivos para a vitória completa do Brasil. Cabe ao povo, tendo à frente seus governantes patriotas e honestos e seus lideres, realizar uma política de guerra que lhe assegure a vitória e uma paz de liberdade e progresso.

O POVO BRASILEIRO ANSEIA PELA PARTICIPAÇÃO NA LUTA

O NOSSO CORPO EXPEDICIONÁRIO DEVE SER ENVIADO PARA ABRIR A SEGUNDA FRENTE — AINDA ESTAMOS MARCANDO PASSO NO MESMO TERRENO — OS SOLDADOS DEVEM SER TREINADOS PARA A GUERRA E NÃO EMPREGADOS EM SERVIÇOS INUTEIS — NA UNIÃO NACIONAL NÃO PÓDE CABER A QUINTA-COLUNA — HITLER TIRA PARTIDO DO TEMOR DO COMUNISMO — A DISSOLUÇÃO DA TERCEIRA INTERNACIONAL

O gal. Manuel Rabêlo concede a «Seiva» uma entrevista especial

REPORTAGEM DE JACOB GORENDER

A visita do general Manuel Rabêlo foi um acontecimento, que o povo bahiano saberá guardar sempre em sua memória, como uma recordação das mais gratas. A cidade do Salvador acolheu de braços abertos esse homem digno e patriota destemeroso, cujo nome já fôra tantas vezes delirantemente aclamado pelas suas multidões, nas vibrações de comícios anti-fascistas memoráveis. Aqui estava ele, emfim, numa imensa cruzada de Unidade Nacional, para oferecer aos bahianos mais uma trincheira contra o nazi-fascismo, mais um baluarte poderoso de defesa da Independência da Pátria. Poucas homenagens teriam sido tão espontâneas e entusiásticas, como aquelas de que foi alvo o eminente cidadão-soldado, durante os poucos dias da sua permanência em nossa capital. Porque o prestígio do seu nome perante todo o povo brasileiro é o de um lider que nunca faltou nos momentos de perigo e que nunca vacilou em pulverizar, um a um, todos os disfarces igualmente sórdidos do quinta-colunismo e germano-integralista. Por-isso, a admiração do povo pela sua figura.

A VITÓRIA OU A DESTRUIÇÃO PELO FASCISMO.

Foi o que se viu na inesquecivel sessão realizada no salão nobre da Faculdade de Medicina, com a presença por muitos titulos simpática do almirante Lemos Basto e de outras altas autoridades do Estado. As centenas de pessoas, que mal cabiam no recinto, não se cansaram de aclamar prolongadamente o nome do general Manuel Rabelo, toda vez que o pronunciava um orador.

A assistência o ouviu de pé. E a sua advertência foi recebida e indelevelmente gravada por todos:

— "Tudo nos indica, meus senhores, — disse o general Rabêlo — que estamos no momento decisivo dos nossos próprios destinos. Ou consolidamos a vitória sobre o fascismo ou seremos por ele destruidos.

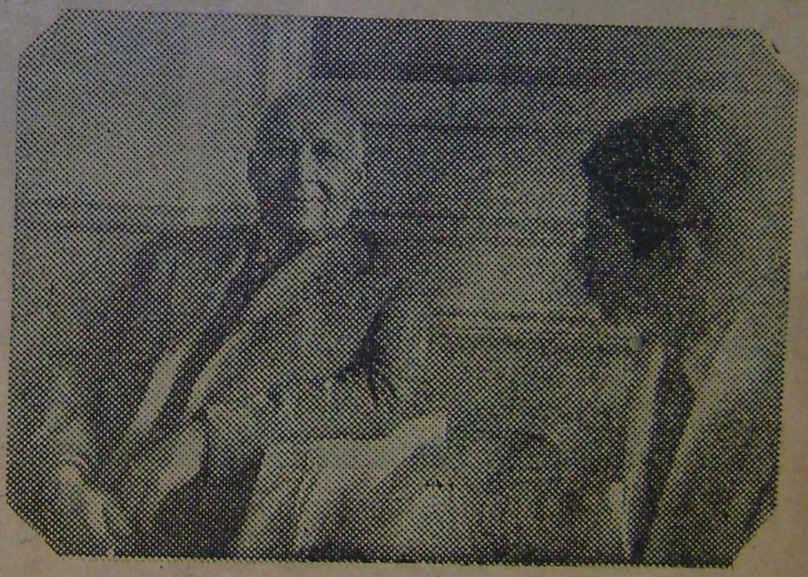
E não nos esqueçamos que a quinta-coluna dirá que fascismo já não existe...

Mas, se assim fôr, retruquemos que ele existe, e existirá emquanto subsistirem os processos desmoralizadores com que se pretente atingir a dignidade dos homens que desejam permanecer livres, num mundo de justiça e respeito mútuo".

A TODOS OS PATRIOTAS DEVE SER DADA UMA ARMA

A Sociedade Amigos da América, sob a direta orientação do seu presidente, tornou-se uma realidade na Bahia. Participando do seu diretório regional e dos demais orgãos responsaveis pelos seus trabalhos, encontram-se homens, que, desde ha muito, merecem a mais profunda confiança do nosso povo, pela sua atuação no governo ou nas campanhas patrióticas.

A S. A. A. deverá ser uma autêntica organização popular, que congregue homens de todas as classes sociais para a defesa da Pátria contra o inimigo nazi-fascista. Ela não poderá viver se não abrir as suas janelas para o oxigênio das praças públicas. Para



O general Manuel Rabêlo quando era entrevistado, no Palace Hotel, pelo redator de «Seiva».

que a sua vida seja real e para que possa prestar serviços valiosos à causa da independência nacional é necessário que, sob a bandeira da entidade, estejam solidamente unidas vastas massas de patriotas, sem que a sua confraternização fique impedida por qualquer distinção de condição econômica ou social, por qualquer divergência religiosa ou político-partidária. A todos deverá ser dado uma arma, exceto à quinta-coluna, exceto aos fanáticos integralistas de corpo e alma vendidos à Gestapo. Estas são as diretrizes do general Manuel Rabêlo. Assim é que se

poderá forjar uma frente interna capaz de garantir o envio imediato de tropas brasileiras para os campos de batalha da Segunda Frente.

O GENERAL MANUEL RABELO FALA SOBRE A UNIÃO NACIONAL

O general Manuel Rabêlo já conhecia "SEIVA". Quando lhe solicitamos uma entrevista especial para a nossa revista, ele nos respondeu, num gesto sorridente, se havia ainda alguma coisa que pudesse dizer e que já não houvesse declarado à imprensa. Mas, apezar do tempo demasiado restrito de que dispunha, a bôa vontade do general permitiu que "SEIVA" pudesse transmitir para o público a sua opinião, acatada como muito poucas, e que tem sido para o povo brasileiro, nestes instantes de perigo, o mais seguro esclarecimento e a mais honesta orientação sobre os graves problemas da guerra.

Assim é que, entrevistando-o para um vespertino desta capital, já lhe haviamos perguntado acerca dessa condição básica para a nossa defesa, que é a União Nacional. O general Manoel Rabêlo nos res-

O prof. Orlando Gomes, quando usava da palavra, em nome dos intelectuais, saudando o general Manuel Rabêlo.

pondera, então, com a sua maneira de sábio e de militar, entre bondoso e severo:

"—A União Nacional é uma necessidade para a vitória contra o Eixo. Devemos, porém, estar alertas contra a mistura de elementos bons e maus, patriotas e impatriotas, quinta-colunistas e defensores do patrimônio da Humanidade.

A União tem que se processar única e exclusivamente entre os patriotas, entre os homens que sentem a necessidade da defesa da Pátria. Esta é a orientação de homens como Roosevelt e Wallace, legítimos líderes do continente americano.

Não podemos aceitar a colaboração dos quinta-colunistas e adesistas reacionários, que colocarão obstáculos à construção do mundo de após guerra."

O general continuou explicando, nessa mesma ocasião, que já eram muitos os elementos fascistas e reacionários simpatizantes do fascismo infiltrados nas fileiras dos patriotas; nesse instante em que já se vislumbra o triunfo das Nações Unidas. Não poderiamos aceitá-los, porque, se assim fosse, de nada valeria ter vencido a guerra. Um expurgo intransigente era necessário ser levado a efeito.

Neste mesmo sentido, proferiu o general Manuel Rabêlo, na Faculdade de Medicina, as seguints palavras tão verdadeiras:

"—Não tenhamos ilusões: o perigo que enfrentamos e que está dentro e fóra de nossas fronteiras ainda existe e existirá mesmo depois da guerra.

Negá-lo é o mesmo que fazer obra de quinta-colunismo".

A SEGUNDA FRENTE DEVE SER ABERTA O MAIS CÊDO POSSIVEL

Quando, dois dias em seguida, já o entrevistamos para "SEIVA", achamos que nenhum assunto mais importante para abordar, de início, do que o da Segunda Frente.

— Deverá ser próxima a iniciativa da Segunda Frente? — foi a nossa primeira pergunta.

O general Manuel Rabêlo, com o gesto lento e ao mesmo tempo enérgico, que o caracteriza, respondeu-nos sem vacilações:

— A Segunda Frente está se impondo. E' necessária para aliviar a pressão que a Rússia está sofrendo pelo grosso das forças germânicas.

Eu estou plenamente confiante que a Rússia, pelo seu próprio esforço e capacidade, liquidará a Alemanha. Mas não é justo, não é humano, nem moral, que o peso da guerra venha recair somente sobre a Rússia. Portanto, de acôrdo com a moral e com a razão, a Segunda Frente deve ser aberta o mais cedo possivel, talvez, ainda este ano. Isto apressará o fim da luta e poupará à União Soviética, já tão sacrificada, a perda total da sua brilhante mocidade.

Cumpre, por conseguinte, às Nações Unidas apressar os preparativos e desfechar o golpe no ocidente europeu, que será o golpe de graça na resistência nazista. Ficarão as democracias ocidentais, que combatem o nazismo, com a autoridade moral de ter concorrido poderosamente para a Vitória final.

O PAPEL DE "CAVALEIROS DE OFENBACH"

O general Manuel Rabêlo já havia declarado à imprensa a existência de um acôrdo assinado pelo Governo brasileiro, obrigando-se a enviar para o teatro da luta um corpo do Exército nacional. Visando, neste sentido, mais amplos esclarecimentos, perguntamos ao grande líder patriota:

—Até que ponto irá a cooperação do Brasil para a Segunda Frente?

O general respondeu com firmeza:

—A participação do Brasil é imprescindivel e necessária para sustentar o nosso prestigio internacional, que ficaria reduzido a zero se nos limitassemos ao papel de espectadores e "profiteurs" da guerra.

Temos que fazer o sacrifício de sangue, porque o que está em jogo é a civilização humana, de cujos benefícios o Brasil participa. Para isso é preciso, entretanto, mudarmos radicalmente os métodos até aqui empregados. Temos que agir e agir intensamente para prepararmos, quanto antes, o corpo expedicionário brasileiro, o qual deve, de fato, parti-

cipar da luta, afim de que não nos caiba o papel de "cavaleiros de Ofenbach" e chegarmos no momento em que não haja mais nada a fazer para a Vitória.

MARCANDO PASSO NO MESMO TERRENO ..

— O povo brasileiro — continúa o general Manuel Rabêlo — anseia por participar da luta. A sua bravura não pode ser posta em dúvida. A sua capacidade de assimilação dos métodos modernos de fazer a guerra tambem não é matéria que possa ser posta em dúvida. O que é preciso é ação. Ação intensiva na preparação militar do Brasil e não ficarmos até aqui marcando passo no mesmo terreno, adotando medidas insuficientes, retardadas e incompletas. Os nossos amigos americanos estão aí, prontos a nos oferecerem a sua ajuda fraternal nesse sentido. O que falta é uma identificação perfeita da nossa parte com as finalidades da guerra, que as Nações Unidas promovem contra o despotismo na-

O general Manuel Rabêlo, quando falava na Faculdade de Medicina. Todos os presentes ouviram-no de pé.

zista. Chamar reservistas e reuní-los nos quarteis, sem fardamento, sem equipamento, sem material de adextramento, sem a instrução intensiva que a guerra moderna requer, para empregá-los no serviço de fachina e de cavalariça é positivamente aniquilar o ânimo combativo dos nossos soldados e oferecer às Nações Unidas, que nos observam, motivos para descrerem da sinceridade dos nossos propósitos de cooperação leal e honesta.

Isso não nos leva a desconhecer os sacrificios, que está fazendo a nossa Marinha de Geurra e a nossa Aviação na defesa e patrulhamento de nossas costas, onde os seus oficiais, marinheiros e aviadores, têm dado altos exemplos de abnegação, de coragem e espírito de sacrifício.

TEMORES DE QUE O NAZI-FASCISMO TIROU PARTIDO

O tempo e a gentileza do nosso eminente entrevistado em atender à nossa solicitação ainda nos permitiram mais uma pergunta.

— Qual deve ser a nossa atitude frente à suposta existência de outros perigos, além do nazi-fasci-integralista, como, por exemplo, o perigo do comunismo ?

— Esses perigos — responde o general Manuel Rabêlo — foram imaginados ou exagerados pelo nazi-fascismo, como instrumento de guerra contra as democracias. Ninguem pode desconhecer o quanto os ardilosos e perversos totalitários souberam tirar partido desses temores, a ponto de fazerem as democracias paralizar a sua própria defesa, na esperança de formarem um bloco anti-comunista para esmagar a Rússia. Essa atitude culminou em Munich, onde Chamberlain e Daladier esperavam encontrar Hitler e Mussolini dispostos a uma aliança, visando a destruição do comunismo russo.

Hitler, porém, tinha outras vistas. Ludibriou os representantes do reacionarismo inglês e francês, promovendo um acôrdo com a Rússia, que foi obrigado a aceita-lo, forçada pela insidia reacionária de Chamberlain e Daladier. Mas o que Hitler queria era, sobretudo, liquidar a Inglaterra e a França, temeroso das forças democráticas que, apesar de tudo, essas nações representavam.

Iniciou a guerra contra a Inglaterra e a França, atacando a Polonia. Depois virou a sua ofensiva diretamente contra aquelas nações, em que ele via o principal inimigo. Felizmente, com os desastres sucessivos, a Inglaterra acordou, e, sob a potente, heroica e clarividente direção de Churchill, resistiu à agressão nazista.

O que se passou depois está no domínio público. Excuso-me, portanto, de abordar esse assunto, que os fatos tornaram evidente.

A DISSOLUÇÃO DA TERCEIRA INTERNACIONAL

O general Manuel Rabêlo concluia a sua entrevista conosco. Pouco depois, despedia-se porque era necessária a sua presença numa reunião prepartória da instalação da Sociedade Amigos da América na Bahia.

Não colocaremos, todavia, o ponto final, sem transcrever, antes, as palavras concisas, mas imensamente significativas, do general Manuel Rabêlo sobre a dissolução da III Internacional, as quais nos havia declarado quando da referida entrevista a um vespertino local:

"— A dissolução do Komintern — disse-nos, então, o eminente soldado brasileiro — está recebendo toda a sorte de interpretações. Nem seria de outro modo, pois as atitudes mais sinceras são deturpadas pelos individuos de intenções suspeitas..

A Rússia, depois da Inglaterra, prestou uma das maiores colaborações para a derrota do nazismo".

LEIAM
"DIRETRIZES"
Em todas as bancas de jornais

PROBLEMAS DA GUERRA ATUAL

ROBERTO SISSON

N. R. — Temos o prazer de iniciar neste número a publicação de uma série de artigos sobre a guerra atual, escritos especialmente para "Seiva" pelo comandante Roberto Sisson. Oficial aposentado de nossa marinha de guerra, leader tenentista de larga projeção na nossa vida política nos ultimos dez anos, Roberto Sisson é um dos mais antigos e devotados combatentes anti-fascistas de todo o país. Sua vida política sempre se norteou por uma exemplar dedicação ás causas populares e pelo combate sem treguas ao perigo nazi-fascista. Afastado durante alguns ano do Brasil, devido aos acontecimentos políticos, residiu Roberto Sisson nos países do Prata, como exilado, tendo continuado aí sua campanha anti-fascista. Logo que o Brasil declarou guerra ao eixo o ilustre homem publico embarcou para o Rio de Janeiro para apresentar-se e pôr-se á disposição das autoridades brasileiras, juntamente com um grande grupo de companheiros seus. E' ele um dos mais ardooroso propugnadores da Unidade Nacional, fator indispensavel para a nossa vitória nesta guerra pela auto-determinação dos povos.

O CARATER FUNDAMENTAL DA PRESENTE GUERRA

A compreensão do carater político fundamental da presente guerra imprescindivel de parte de qualquer brasileiro. Só com esta compreensão a sua ação unitaria será a mais eficiente possivel, por ser segura e ampla.

Certamente que não iremos, com este fim, entregar-nos a discussões especulativas que, por seu carater indeterminado e apaixonado, neste momento, mais que nunca, redundariam não sómente em pura perda de tempo mas tambem em motivo de desunião. Vamos apenas plantear de maneira prática, o carater político fundamental da presente guerra.

Ora, praticamente esta guerra se apresenta como uma luta travada entre dois grupos de nações: de um lado estão as Nações Unidas e do outro o chamado Eixo, abreviação da antiga designação "Eixo-Berlim-Roma-Toquio".

As Nações Unidas são constituidas por um numeroso grupo de nações, entre as quais o Brasil, espalhadas por todo o mundo, com as mais variadas caracteristicas: nações simples, de territorio continuado e população homogenea quanto ao idioma falado, como o Brasil; nações compóstas, de territorio descontinuado, compostas por sua vez de muitas outras nações as mais desemelhantes possiveis, como o Império Britanico. Sendo que a organisação interna das Nações Unidas varia ao extremo, desde formas avançadissimas de democracia até simples autocracias e até ás colonias, embora todas essas nações, governos e povos, em unísono, repilam o fascismo como forma oficial dos respectivos regimens internos.

Por sua vez o Eixo é constituido por numerosas nações da Europa e da Asia, praticamente chefiadas pela Alemanha e pelo Japão, sendo que todas elas, com a exceção puramente formal da Finlandia, estão organisadas internamente de forma anti-democratica, sob o regime fascista.

Agora pergunta-se: que motivo levou as Nações Unidas a entrar e a manter-se em guerra contra o Eixo? Exclusivamente terem sido agredidas uma a uma, na sua soberania ou na dos seus aliados, pelas nações do Eixo. Foram ameaçadas em sua integridade territorial, em sua independência política, em sua soberania nacional. Viram-se acusadas entre o desaparecimento, engulidas pela ação conquistadora do Eixo, e a guerra. E só então optaram pela guerra.

Defendendo agora em comum, como um direito e como dever, sua integridade, sua independência e sua soberania, é claro que, dentro da mais elementar noção de honestidade política internacional, as Nações Unidas estão tambem a defender a integridade, a independência e a soberania de todas as demais nações do mundo. Estão, pois, de armas em punho, defendendo o principio da auto-determinação política das nações.

E que amplitude emprestam as Nações Unidas a este princípio que defendem? Evidentemente que o minimo dessa amplitude está expresso pelo "stato quo" das Nações Unidas. "Stato quo" que merece que toda a energia dos povos destas nações seja empregada na sua defesa, por dois motivos fundamentais. Primeiro: a despeito das injustiças sociais que este "stato quo" ainda encerra, ele já consagra no entanto, formidaveis conquistas democraticas, conquistas que seriam fatal e totalmente aniquiladas, com irreparavel dano para a cultura da humanidade, si o Eixo vencesse a guerra. Segundo: porque ele representa apenas o minimo dessa amplitude já citada.

Com efeito, a totalidade dos governos das Nações Unidas (O Brasil inclusive) já admitem oficialmente determinadas perspectivas democratisadoras para serem postas em prática logo depois

da vitória. Estas perspectivas democratisadoras se acham consagradas na já celebre Carta do Atlantico, por todos conhecida. Porém, alem destas perspectivas oficiais, outras existem tambem, si-não oficiais pelo menos oficiosas. São elas as Quatro Liberdades do Presidente Roosevelt, resumo da doutrina democratica defendida com grande sucesso pelo atual Presidente dos Estados Unidos da América do Norte. De referencia a nós, brasileiros, ha a juntar ainda outras perspectivas democratisadoras internas: as contidas no discurso presidencial de 7 de Setembro ultimo, que constituem um serio compromisso democratisador assumido pelo atual governo brasileiro ante o nosso povo.

Destarte, podemos conceituar o carater político fundamental da presente guerra, de parte das Nações Unidas, como sendo o *princípio da auto-determinação política das nações como ponto de partida para a organisação de um mundo melhor para toda a humanidade.*

Conceitos falsos e improprios da presente guerra

Ouvimos frequentemente, até de boca de gente insuspeita, vários outros conceitos sobre o carater político fundamental da guerra em curso, divergentes do que adotamos : "guerra pela autodeterminação das nações e povos".

Podemos citar tres: Um que diz ser a guerra entre o fascismo e o cumunismo; outro, que é ela uma mera "guerra interimperialista"; e o terceiro, que se trata da guerra da "democracia contra o fascismo".

Conceituar a guerra como travada entre o fascismo e o comunismo é repetir o velho e desmoralizado *slogan* fascista que anteriormente tanto concorreu para dividir entre si os vários grupos democráticos e assim favorecer o fascismo, quer em seu ascenso, quer em suas primeiras vitórias: ou fascismo, ou comunismo. Sendo que ainda hoje o fascismo repete desesperadamente esse *slogan*, por si ou por suas quintacolunas, na esperança de dividir as Nações Unidas entre si e assim poder vence-las uma a uma, sucessivamente. O simples fáto do fascismo nos países que conseguiu dominar, haver posto fora da lei, em absoluto pé de igualdade com o grupo comunista, a todos os demais grupos democraticos; de haver a Alemanha atacado a Tchecoslovaquia quando negociava com a Inglaterra, a França e a Polonia; de haver atacado a Polonia, a França e a Inglaterra, quando negociava com a URSS.; de tentar agora apaziguar a Inglaterra e os EE. UU. da América, com a esperança de primeiro consumar vitoriosamente a inominavel agressão cometida contra a URSS e depois liquidar a Inglaterra e negociar uma paz de compromisso — paz munichista! — com os EE. UU. da América, tudo isto já demonstrou a sociedade que o fascismo o que quer é a dominação imperialista do mundo e não a "derrota" do comunismo.

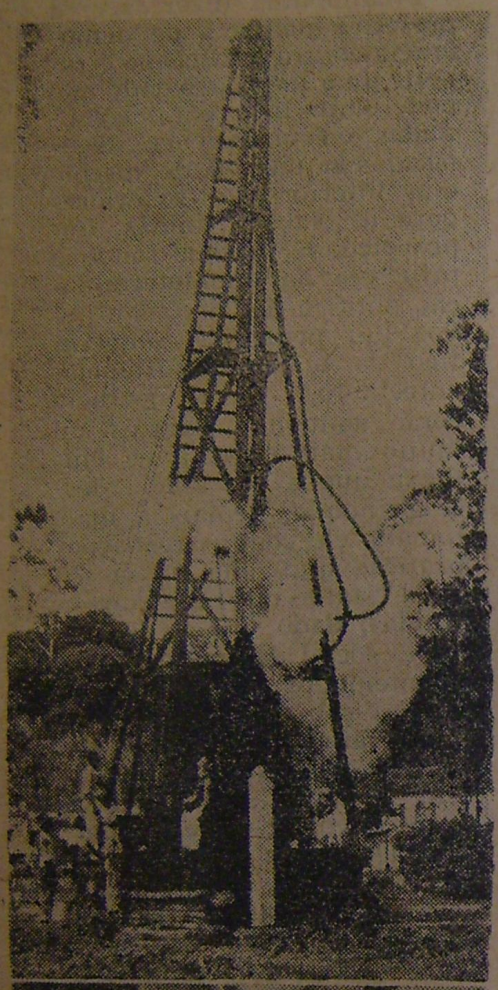
Não é menos suspeito asseverar-se ser a presente guerra uma mera guerra interimperialista. Com isso se pretende alheiar do esforço de guerra aos sinceros antimperialistas, corrente de opinião das mais fortes por todo o mundo. Ora, não ha imperialismo mais brutal que o fascismo, sem duvida alguma o verdadeiro inimigo numero um do progresso e da liberdade de todos os povos do mundo. E o modo pelo qual é tratado o povo francês, classificado como de segunda ordem na escala racista do fascismo, dá uma palida ideia de como seriam tratados povos como o brasileiro, ali classificado como de setima ordem, si tambem vencidos e dominados pelo Eixo Bem sabe o povo brasileiro dos esforços dos imperialistas munichistas em pról de uma paz de compromisso que sacrificaria totalmente. Porem na luta de vida e morte que o povo brasileiro move contra o Eixo, não se sente ele aliado propriamente de nenhum inperialismo munichista, mas sim das verdadeiras forças nacionais de todas as Nações Unidas, a ele ligadas pelo mesmo amor á humanidade, á patria, ao progresso e á liberdade.

Finalmente, dizer ser a presente guerra a da democracia contra o fascismo é repetir uma impropriedade que pode muito bem, em determinadas circunstancias, degenerar em motivo de discordias interiores e exteriores para as Nações Unidas. Impropriedade, porque sendo o princípio da autodeterminação política das nações e povos um princípio democratico da maior importancia, entretanto, a democracia como doutrina positiva, é muito mais extensa e complexa que a constancia desse princípio, demais a mais tomado ele com as restrições praticas que lhe impõe o atual "statuo quo" das Nações Unidas, dado que a organização social das mesmas frequentemente muito deixa a desejar sob o ponto de vista democratico. Ademais, os governos das Nações Unidas têm bastante senso político para envolver-se em guerras ideologicas de tão precarios resultados práticos, conforme demonstra a propria história. Por tudo isto se vê como é impropria semelhante afirmação. Sendo de notar que pode degenerar em franco divisionismo semelhante afirmação, porque ela planteia no seio das Nações Unidas a mais complexa e controversa de todas as questões, a da democracia, e isto exatamente num momento em que semelhante discussão não oferece interesse imediato, podendo não somente destrair as forças das Nações Unidas, que a ela se entregassem, do esforço de guerra, como até dividi-las. E o Eixo não discute, e sim combate...

Como já vimos, as Nações Unidas se limitam neste momento a lutar contra o Eixo, em defesa prática do princípio da autodeterminação política das nações e povos. Integrar-se totalmente nessa luta é a ação democratizadora que está ao alcance de qualquer democrata neste momento.

SANGUE NEGRO

A JORGE AMADO



Terras curvas do Recôncavo
onde adormece o oceano,
no teu sub-solo, circula
sangue negro côr da noite,
da côr do preto africano,
preto cujo sangue escravo
regou o solo bahiano.
Terras curvas do Recôncavo
onde adormece o oceano,
de tuas veias abertas,
escorre
o petróleo bahiano
sangue negro do Brasil.

Altas torres metálicas se erguem no espaço.
Dos tanques largos e pesados, de aço,
quando a sonda perfura o coração da terra,
em Candeias,
Aratú,
Itaparica,
escorre o líquido oleoso,
escorre
lento, através dos campos e dos mares,
escorre
de norte a sul, atravessando os ares,
energia vital da terra brasileira.
Operário mestiço,
tuas ásperas mãos — e tu não sabes disso —
tuas mãos quando movem as máquinas do Poço,
movem forças latentes,
movem forças criadoras,
movem o Brasil, tuas mãos libertadoras.
Teu gesto inicial se transmite e propaga,
repercute longe,
pelas selvas do Oéste onde o Brasil acaba
e cresce, desdobrado, como cresce uma onda
de mar,
crescé e acelera o rítmo de Volta-Redonda
gerando máquinas sem parar,
e gera uzinas
onde o ferro e os metais saídos das minas
do ventre da terra
se transformam em carros e trens, navios e aviões; em ar-
[mas de guerra

E as máquinas nascidas do teu movimento,
rápidas, levam mensagens humanas,
mensagens de conhecimento,
mensagens de aproximação,
a todos os brasileiros
irmãos que a distância isolou, como estrangeiros,
em plena solidão.
O gaúcho galopando nos pampas do sul,
estaca o cavalo

O BRASIL

e descobre, surpreso, no vale amazônico
onde dormem forças primordiais,
que irmãos nortistas modelam um mundo novo
com a borracha,
a borracha que desce dos longos seringais.
No Nordeste, o vaqueiro canta uma toada:

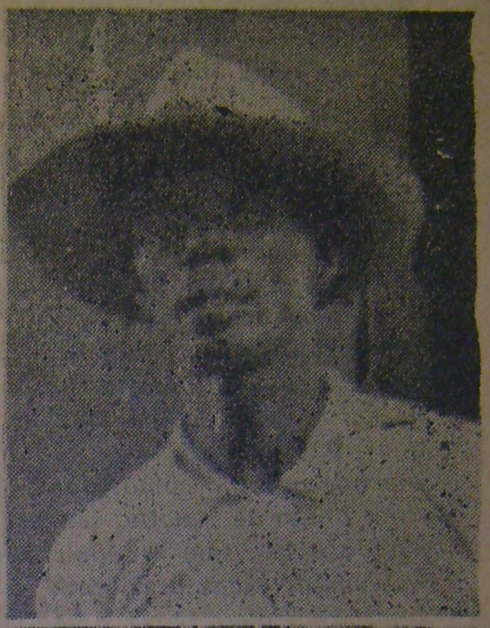
— "O homem tira da terra,
a chuva que o ceu não dá.

Rã quando canta não erra
é chuva que vai chegá,
o homem tira da terra,
a chuva que o céu não dá.
— "Rã quando canta não erra.

Boi gordo pasta na serra,
— bem contente, a gente está,
o homem tira da terra,
a chuva que o céu não dá.

Quando venceu nossa guerra,
logo peguei a cantá,
o homem tira da terra,
a chuva que o céu não dá". —

O lavrador
que trabalha nos campos do interior,
com sua companheira,
anônima heroina brasileira.
abandona a enxada
que dos pais recebeu,
dos velhos lutadores que a vida venceu,
e se põe a mover os arados mecânicos
que os filhos de outras terras lhe ensinaram,
através da distância e dos ventos oceânicos.
E do sólo brota o feijão,
brota, esplendida e farta, a plantação,
o cacau,
a mandioca,
os tomates vermelhos e o branco algodão,
brotam frutos bem brasileiros,
brotam côcos nos coqueiros
e palmas de ouricurí
e mangas nas mangueiras onde canta o bemteví,
brota o milho dourado e a fibra dos caroás,
brotam café e banana,
brotam frutos de ouro nos verdes laranjais.
Operário mestiço,
teu gesto inicial que faz brotar os frutos
e nascer as grandes cidades,
teu gesto move fábricas no Brasil inteiro,
fábricas
onde mãos calejadas como as tuas,
transformam a matéria plástica em produtos
essenciais
à vida humana e plena do povo brasileiro.



Terras curvas do Recôncavo
onde adormece o oceano
no teu sub-solo, circula
sangue negro côr da noite,
da côr do preto africano,
preto cujo sangue escravo
regou o solo bahiano.
Terras curvas do Recôncavo
onde adormece o oceano,
de tuas veias abertas,
escorre
o petróleo bahiano,
sangue negro do Brasil.

Brasil tocado pela força dos ventos mundiais,
Brasil que amadureces
como um fruto verde sacudido por fortes vendavais,
Brasil que apareces
como irmão moço e vigoroso entre as Nações do mundo,
Brasil és meu filho, que júbilo profundo,
eu sou a Bahia, a mãi que te pariu.
Meu filho,
com que orgulho comovido, meu sêr inteiro seguiu
o teu brado de revolta, teu protesto viril,
quando o fascismo afundou nas aguas oceaânicas,
centenas de vidas brasileiras, meu Brasil.
O fascismo quer parar a marcha dos povos,
tirania universal que se encarnou numa nação,
e tu és livre e tens horror à escravidão.
És irmão das Nações americanas,
da Inglaterra e da China milenária,
és irmão da Rússia invencivel,
dos valentes guerrilheiros,
és irmão dos povos prisioneiros
que esperam a segunda-frente salvadora,
miseros povos da Europa sofredora.
Meu sangue, o petróleo que hoje te alimenta,
armará tuas mãos com tanques e fusis e aviões e armas de guerra,
meu Brasil que luta na Frente Unida dos povos,
pela salvação do mundo, pela liberdade na terra.

Terras curvas do Recôncavo
onde adormece o oceano,
no teu sub-solo, circula
sangue negro côr da noite,
da côr do preto africano,
preto cujo sangue escravo
regou o solo bahiano.
Terras curvas do Recôncavo
onde adormece o oceano,
de tuas veias abertas,
escorre
o petróleo bahiano,
sangue negro do Brasil.

Jacyra Pires

Mensagem de Roosevelt a Stalin

Em 22 de Junho de 1941, as forças representativas da reação e da barbaria — as nazi-fascistas — traiçoeiramente, assaltaram a União Soviética, na louca pretensão de escravizar o seu povo, após subjugar, em seis semanas, o seu Exército.

Desde então, voltaram-se os olhos de todo o mundo amante da liberdade, para as terras russas, para as estepes e as cidades heróicas que iam se convertendo em monumentos da liberdade e túmulos da tirania.

Contra a Rússia lançou Hitler, em homens e armas, o que jamais se viu em toda a história da humanidade, e ainda hoje mais de 200 divisões lá se encontram, na tentativa de prolongar a derrota certa e cada hora mais próxima do nazi-fascismo.

Ao completr o segundo ano de lutas e sendo este o momento em que se aguardam operações do maior vulto nessa frente, os povos do mundo hipotecam a mais irrestrita solidariedade ao povo russo, que suporta os maiores sacrifícios, e unidos no único objetivo, marcham para o aniquilamento do nazi-fascismo.

Entre as mensagens de solidariedade, destacamos a que o Presidente Rooselvet enviou ao Marechal Stalin:

"Há dois anos atrás, na data de amanhã, por meio de ato de traição, bem de acordo com a longa prática de duplicidade nazista, os chefes nazis desfecharam seu brutal ataque contra a União Soviética. Esses chefes nazis não calculavam até que ponto o governo e o povo soviéticos haviam expandido e fortalecido seu poderio militar, para defender o seu país e não haviam compreendido a determinação e o valor do povo sovietico.

Durante os dois últimos anos, os povos amantes da liberade de todo o mundo contemplaram com crescente admiração as históricas façanhas das forças armadas da União Soviética e os sacrificios quasi inacreditaveis que o povo russo está fazendo, com tanto heroismo.

O crescente poderio das forças combinadas de todas as Nações Unidas, que progridem incessantemente para enfrentar nosso inimigo comum, testemunha o espirito de unidade e sacrificio necessário para nossa vitória final. Esse mesmo espirito, tenho certeza,, nos animará na solução dos sérios problemas da paz que a vitória fará surgir no mundo".

A Sociedade Amigos da América congrega individuos de todas as classes sociais para a defesa da Pátria

Revestiu-se de grande êxito a instalação solene do núcleo da Bahia da Sociedade Amigos da América. O povo bahiano acorreu em massa ao recinto, onde com aplausos entusiasticos demonstrou ao general Manuel Rabêlo o seu apoio à entidade que, dia a dia, mais aproxima o Brasil da vitória.

Pela voz dos seus representantes, o povo da Bahia, que tem apoiado calorosa, conciente e entusiasticamente as organizações e os líderes que se propõem a lutar pela independência da Pátria e pela causa da Liberdade, reiterou a sua decisão de lutar pelos princípios defendidos pelo General Manuel Rabêlo e pela S. A A., que são os princípios do próprio povo, de lutar pelo Brasil, pela América e pela Humanidade, contra a reação organizada e imperialista ou nazi-fascismo. Pugnar pela mais sólida União Nacional e Continental, fatores capitais para a vitória e para as construções da paz. Pela mobilização total de todos os nossos recursos e homens, afim de que possamos tomar parte na imprescindivel 2.ª frente, ao lado dos nossos aliados.

Como organização popular, procura congregar elementos de todas as classe, de todos os credos, de todas as posições e cores, na mais expressiva união nacional, na mais forte frente interna capaz de garantir o envio de tropas expedicionárias, que saldarão os nossos compromissos e representarão a nossa contribuição à causa da Humanidade.

A Sociedade Amigos da Amérca, é hoje, a mas sólida trincheira na luta pela defesa da Pátria e pela causa da Humanidade. O general Manuel Rabêlo é o seu mais forte sustenáculo. A sua honestidade e patriotismo, a sua combatividade, destemor e conciência de luta mobilizou todos os brasileiros honestos e patriotas à luta contra o fascismo.

O Genêral Manuel Rabêlo é um lídimo representante da democracia e do povo, e a Sociedade Amigos da América a garantia da vitória na guerra e da vitória na paz.

O gal. Manuel Rabêlo ladeado pelas autoridades e por elementos representativos do povo bahiano na instalação da Sociedade Amigos da América.

O 2 DE JULHO

O povo bahiano comemora, êste ano, o 2 de julho, com o mesmo espirito de uma centúria atrás, quando se empenhava, decisivamente, para a consolidação de nossa independência política. Hoje ,os bahianos compreendem que é necessário, mais uma vez, sangue e sacrifício, para conservarmos a nossa soberania, e para conquistarmos, num futuro próximo, um lugar de destaque entre as nações do mundo. Por isso é que não passará despercebido êste 2 de julho, e não será êle, apenas, uma simples data festiva a ser comemorada. No 2 de julho dêste ano, relembrando o passado, nós teremos de aprender alguma lição para a luta pela liberdade e independência da Pátria, que nós, no presente, levamos avante. A luta pela independência polytica do Brasil, na Bahia, antes de mais nada, nos ensina, a não descrer do povo, a não desprezar o povo, a acreditar sempre no patriotismo do povo brasileiro. Em segundo lugar, nos ensina, que êste povo é invencivel quando completamente unido, em tôrno a uma causa comum. Em terceiro lugar, o 2 de julho nos mostra, que devemos combater, sempre, os traidores, os que se vendem aos que nos desejam escravizar. Por isso, neste 2 de julho, quando, outra vez, estamos em luta pela nossa liberdade e independência, devemos, reforçar a luta pela mobilização do povo para a guerra, para a união do povo, contra o nazi-fascismo, contra a quinta-coluna e contra o integralismo traidor.

A CRISE DA DOUTRINA

MAX WERNER

Não sòmente a falta de armamento causou a derrota da França. Seus preparativos militares se baseavam em um sistema definido e a responsabilidade intelectual da derrota é devida aos seus dirigentes militares e à sua doutrina bélica.

Este termo, assim como o conceito que testifica não se encontra à miude na literatura militar inglêsa e americana. E', contudo, corrente na literatura militar da Europa Continental.

Preferimos empregar a palavra "doutrina" envez da mais abstrata "teoria" porque ela dá a entender um Corpo definido do ensinamentos, e, além disto, porquê corresponde com maior precisão, à interpretação que os franceses lhe dão.

Não se produziu o fracasso dos generais pessoalmente mas o fracasso do Estado Maior, da direção militar, do conjunto de princípios que constituia o sistema. Para compreender as causas da queda da França e julgar o curso da grande batalha de Maio e Junho de 1940 no ocidente, se impõe, antes de tudo, examinar os princípios da doutrina bélica francêsa.

A doutrina bélica não deve ser confundida com a estratégia militar. Esta, segundo a expressão de Clausewitz, é o desenvolvimento que se dá às batalhas com o fim de se ganhar a guerra; relaciona-se com o plano de guerra e com o movimento de tropas no espaço. Uma doutrina bélica, em troca, é a concepção básica dos elementos da luta em um período determinado e dos princípios correspondentes à estrutura das forças armadas. A doutrina fundamenta a estratégia.

As estratégias dos aliados têm alguns traços comuns entre si; por exemplo, a importância que outorgam tanto à guerra econômica como à guerra defensiva. A primeira é de origem britânica; a segunda foi elaborada em detalhe pelos teóricos militares francêses. Por cima e por debaixo desses princípios comuns, entretanto, existem notaveis diferenças. A doutrina bélica inglêsa se preocupa com a luta marítima e aérea e com a defesa do império; a guerra continental é apenas um setor. A doutrina bélica francêsa coloca a guerra continental em primeiro plano; a luta em terra é para ela o essencial. Daí decorrem os seguintes princípios:

1)Uma frente continua como base bélica.

2) Fortificações como base da defesa.

3) "La Converture" (cobertura, ou cobrir-se, escudar-se), como princípio da direção e manejo do exército.

4) A infantaria de massa como coluna vertebral das forças armadas.

5) As manobras defensivas como bases da estratégia.

Durante os últimos vinte anos a doutrina bélica francêsa experimentou um retrocesso. Desarmou-se por assim dizer, desatendendo e esquecendo até os ensinamentos da última etapa da primeira guerra mundial. A transformação da doutrina bélica britânica teve lugar nos anos de 1916 a 1918 consistindo principalmente na tendência para uma guerra continental ativa, mediante a organização de um grande exército; para a doutrina francêsa consistiu principalmente na passagem a uma guerra de movimento e no desenvolvimento de uma ofensiva estratégica baseada na superioridade material. O conceito militar dos francêses em fins de 1919 é explicado por um crítico da atualidade com as seguintes palavras:

"Com uma enorme artilharia, um gasto diário de 300.000 granadas e trezentos ou quatrocentos tanques, logramos evitar os perigos do estancamento. Daqui em diante saberemos como conquistar uma frente contínua... O remédio póde sintetizar-se em tres palavras: ofensiva, artilharia, tanques. O reinanado da trincheira e das rêdes de arame farpado terminou" (1)

Si bem que tal opinião não represente a posição da doutrina bélica atual — a guerra de movimento e de materiais de 1940 — estava, contudo, em condições de transformar-se nesta. Os teóricos francêses, porem, retrocederam para traz daquela opinião durante os anos entre 1920 e 1940, volvendo ao conceito da guerra de posição de 1915 — 1916. Em outros termos, retrogradaram um quarto de século.

Não se tratava sòmente de um falso conceito das da guerra moderna. No começo da segunda guerra mundial, a doutrina francêsa rechassava os princípios básicos das contendas modernas, dessa contenda que ameaçava a França: a guerra total, a guerra de movimento e materiais. O livro acima citado, escrito pelo General Chauvineau e publicado em 1939 é muito caraterístico porque teve uma profunda influência no pensamento dos oficiais francêses desde o começo desta guerra. Esse livro descreve em detalhe a natureza dos preparativos bélicos, prognosticando a conduta do alto comando ao estalar a luta. O General Petain aprovou esse livro. O General Chauvineau predica uma guerra com recursos limitados; uma guerra barata e fácil, em oposição absoluta com a guerra total germânica:

"Todas as forças militares devem estar atentas ao balanço financeiro, porque os esforços que uma nação póde e deve fazer para sua segurança são necessàriamente limitados. Uma quota de seguro não deve arruinar a quem a paga, pois que, do contrário, conspirará contra sua própria segurança. Uma Nação que se arruina a si mesma gastando em armamentos, perde as energias necessárias para manejar as armas. (2)

O General Chauvineau tambem considera o custo das armas quando tem em conta sua utilidade: **"Uma granada de 75 ou 77 custa 150 francos, podendo destruir um tanque que vale um milhão. Este aspeto particular do princípio de conservação da energia lança luz sobre o valor relativo dos canhões e dos tanques. O dinheiro é a fonte da força".**

Era uma situação fantástica. Os Generais eram modestos em suas exigências. Pareciam mesquinhos "petits bourgeois" incapazes de compreender a importância do crédito e das inversões de Capital. Não se davam conta de que uma derrota constitue o maior

(1) General Chauvineau, L'Invasion, Est'Elle Encore Possible? (Paris 1939).

(2) Ibid, p. 133.

ILITAR FRANCESA...

asto em que póde incorrer uma Nação, que, enquanto uma granada avaliada em 150 francos póde estruir um tanque avaliado em um milhão, cinco il tanques avaliados em cinco mil milhões, pódem onquistar uma nação avaliada em muitos centos de ilhares de milhões de francos, como aconteceu no erão de 1940. A doutrina francêsa, como é lógico, echassava a mobilização da industria para objetivos élicos e para uma guerra de material. A doutrina élica oficial da França foi surda aos conselhos de uitos especialistas militares. Em 1933 e 1935, o geeral Debeney e o Tenente Ailleret prognosticaram ue a Alemanha atacaría a França com a força total e uma economía já mobilizada para a guerra em empo de paz, como uma "manobra das forças produtivas", com vastas massas de material bélico, com a otal eficácia militar de uma economía que foi posta xclusivamente ao serviço da guerra (4).

A doutrina francesa não sómente rechassava a uerra total; rechassava tambem a ofensiva na guerra oderna de movimentos, arguindo que as baratas rmas defensivas eram mais eficazes que as armas fensivas. O General Chauvineau escreve assim:

"Durante os vinte anos transcorridos desde 1918 essa conclusão, longe de haver perdido terreno, fortaleceu-se, os meios defensivos (metralhadoras, armas automaticas, canhões anti-tanques, ganharam extraordinariamente em poder; a artilharia, por outra parte, realizou pequenos progressos e os tanques, que, esperava-se fariam curtas as guerra,falharam, como é evidente" (5)

Os aviões não são mencionados pelo General Chauvineau. É uma omissão significativa.

Tais eram as premissas negativas da doutrina francêsa. Seu conteúdo positivo foi estabelecido pelo General Petain, o dirigente responsavel pela bancarrota da doutrina bélica francêsa no mencionado livro de Chauvineau. Primeiro, se referia à frente contínua:

"Existem duas razões para criar uma frente contínua: o volume dos efetivos de infantaria que formam o exército e a eficácia atual das armas defensivas", (6).

A frente contínua repousa em uma linha ininterrupta de fogo, nas fortificações e na ubicação do exército em uma ordem denominada cobertura. Sua função é a seguinte:

"A frente contínua elimina os ataques de flanco, os quais constituem a forma usual da estratégia militar desde o começo da história, limitando assim a ação das forças inimigas e os ataques frontais" (7).

Tratava em seguida das fortificações, ou seja, do material básico do sistema de defesa francês:

"Duas condições são necessárias para resistir aos ataques de surpresa: fortificar a região fronteiriça e dispor de reservas" (8)

Petain e Chauvineau não pensavam, entretanto, nas fortificações da linha Maginot, equipadas com armas modernas. Tinham presentes as fortificações ligeiras. Segundo Petain, até as defesas de arame farpado, equipados com armas automáticas eram suficiêntes: "Si todo o teatro de operações é obstruido, não existem meios sobre a terra que possam destruir uma insuperavel barreira, formada pelas armas automaticas associadas a rêdes de arame farpado" (9)

E Chauvineau propõe como sistema de fortificações completamente adequadas para uma frente contínua, a criação de casamatas, dezesseis por milha, protegidas sómente contra a artilharia de pequeno calibre (75 e 105 mm), formando em suma 6.000 pontos de resistência em toda frente desde o Mar do Norte até a fronteira Suissa. Seriam armadas com metralhadoras e canhões anti-tanques, e sua construção seria tão simples que toda linha poderia ser

Petain e Weygand, os responsaveis imediatos da fracassada doutrina militar francêsa.

levantada em doze dias. Esta linha fortificado custaria muito pouco; seu preço não excederia de 160 milhões de francos (quatro milhões de dolares!) no total, o que implicaria num record de barateza comparado com o custo da linha Maginot. O Norte da França, pelo Norte de Montmedy foi por certo fortificado de acordo com esta fórmula, na chamado "prolongamento da linha Maginot.

Tal tipo de frente sería a armatura da "Converture" do exército, cuja estrutura Petain descreve assim:

"As tropas empregadas na "Converture" foram sabiamente divididas em duas partes. Uma foi extendida ao longo da própria linha, preferentemente nas fortificações construidas no tempo de paz, sem espaço entre ela, de maneira a formar uma frente contínua; a outra (as reservas da "Converture" se organizam em unidades muito móveis para tapar qualquer brecha ou cortar qualquer bolsão do inimigo pelo flanco. Juntas formam a "Converture". (10).

Tal conceito da "Couverture" junto com o da manobra defensiva, exgota o pensamento estratégico

(4) Revue des Deux Mondes, 15 de Março de 1933 e Revue Militaire Française, Fevereiro de 1936.
(5) Ibid p. 133.
(6) Marechal Petain — Prefácio Ibid., p. VI.
(7) Ibid.
(8) Ibid p. VIII.
(9) Ibid p. XI.
(10) Ibid. p. 12.

dos dirigentes do exército francês. Faz a doutrina bélica francêsa estática, impede toda iniciativa, limita todas as operações a um momento, prepara para o primeiro ato guerra e nada mais. A segurança do país seria garantida si a mobilização pudesse ser levada até o fim atrás da cobertura das linhas fortificadas, com a massa da infantaria formando uma frente contínua na fronteira e as reservas da "couverture" mais atrás. Ademais, não existia outro plano de guerra fora desta manobra defensiva.

Este plano produzia uma estrutura uniforme do exército francês, de massas de infantaria não diferenciadas, localizadas nas fortificações. A doutrina francêsa sustentava que o exército não devia consistir na atualidade sinão de fortificações, mais infantaria. Petain caraterizava os aviões e os tanques como armas inigmáticas. E completamente de acôrdo com essa teoria esass duas armas seriam meios auxiliares, complementos na estrutura do exército francês. Chauvineau estava convencido que a Alemanha entraria na guerra com uma força aérea numéricamente inferior a que tinha em 1918 e que o desenvolvimento da guerra no ar imobilizaria as forças, já que os aviões se reduziriam cada vez mais em número aumentando seu peso por unidade, até chegar à construção dos mais poderosos couraçados aéreos.

Este utópico ponto de vista, fundado em uma teoria do passado, menospresava um problema tão vital para a França como a guerra aérea. Alçaram-se vozes que deram o alarme mas não foram ouvidas. Pouco antes de estalar a guerra, um dos dirigentes das forças aéreas francêsas, o General Monchard, fez notar os perigos desse menospreso em uma revista militar. Caraterizava a aviação como uma arma especificamente apta para a ação e para a ofensiva, a única arma capaz de atacar profundamente o território inimigo e seus centros industriais. Ajuntava que as operações terrestres não teriam possibilidade de êxito si não fossem acompanhadas do controle dos ares; que um exército aéreo superior podia decidir a guerra; e que a estratégia aérea deveria ser o fator dominante na estratégia geral. Sua voz de alarme era bastante brusca:

"Uma formidavel força aérea é o instrumento ideal para ameaçar e executar um ataque que pode muito bem ser fatal para as potências com forças aéreas mais débeis... Para reduzir a possibilidade de tal ataque o melhor, sem dúvida, é dispor de um poder aéreo igual em condições de executar desde logo uma contra-ofensiva. Isto requer a construção e manutenção de uma frota aérea igual em qualidade ofensiva, capaz de igual ação destruidora" (11).

A doutrina bélica oficial da França, porém, não aceitou essa concepção e esses pedidos. A causa pela qual a França não dispôs de uma força aérea capaz não foi sómente o fracasso de sua indústria aérea, sinão tambem o fato de que sua estratégia era rotineira e subestimava a guerra no ar. Coisa parecida sucedeu com os tanques. Chauvineau repelía os tanques como arma ofensiva, considerando que fracassaria completamente; e Petain estava convencido de que as unidades de tanques inimigas, ainda que lograssem penetrar através das barreiras da frente contínua, estariam expostos a profundas manobras de flanco da parte das defensoras. Assim o tanque era aceito somente como um instrumento de contra-manobras defensivas, taticamente como um auxiliar da infantaria. A doutrina francêsa rechassava os corpos de choque moto-mecanizados, os quais, em cooperação com as forças aéreas, foram o fator principal da iniciativa estrategica.

Ao que antecede se ajunta a idéia de que a frente ocidental, a frente francêsa, era de naturesa muito diferente e estava organizada de maneira distinta de todas as possiveis frentes da Europa Oriental, quer dizer: oferecía imensas oportunidades aos defensores e extraordinárias dificuldades aos agressores. Até durante a guerra, dois mêses antes da ofensiva alemã, o General Schweissguth, membro do Estado Maior da França, caraterizava assim a frente francêsa:

"A frente ocidental é estreita. É reta. Está fortificada. Desde os Alpes até o Mar do Norte; opõe aos exércitos alemães uma "crosta" que é particularmente dificil romper. A potência da organização da retaguarda é da mesma magnitude que as defesas da frente: excelentes vías férreas e caminhos, juntos com canais até os portos do Mediterrâneo. Linhas de conexão e plataformas giratórias — as mais importantes das quais estão na região de Paris — facilitam o transporte de tropas e a remessa de abastecimentos em todas as direções. Tudo, na frente ocidental, do ponto de vista militar, está bem estudado e equipado excelentemente. Seus meios defensivos estão perfeitamente adaptados à frente limitada e à poderosa organização das fronteiras". (12)

Acreditava-se que a rutura de frente encontraria dificuldades extraordinárias e que a guerra de movimento por parte do agressor não se deveria siquer discutir. Por outra parte, a organização de uma frente francêsa de consideravel profundidade criaria o terreno e as condições favoraveis para uma ação defensiva, sustentada pelas reservas da retaguarda, segundo o processo empregado em Verdum. A frente ocidental seria sobretudo a cena da "manobra defensiva", coração e alma da estrategia francêsa. Preparativos para contra manobras, tal era a única perspectiva que encarava a teoria bélica francêsa, a única forma de guerra de movimento que se considerava possivel.

Tal foi o aspeto mais completamente elaborado, especialmente nas investigações dos generais Camon e Loizeau. Para o general Camon, a estratégia em geral era a arte de conduzir suas próprias tropas, por meio dessa manobra, em uam posição favoravel em relação ao inimigo, preparando-as para o combate decisivo. De acordo com este ponto de vista, o exército devia reunir-se atrás das linhas fortificadas e lançar-se sobre os flancos do inimigo apenas se tivesse dado uma rutura. Teóricamente, a manobra defensiva, na armadura da doutrina francêsa era concebida como uma grande contra-ofensiva, durante a qual se lograría a oportunidade da vitória. Práticamente, porém, se viu que a França não tinha tal oportunidade, e que a manobra, ao estabilizar-se a frente, restaurava a situação original. Dessa maneira, a idéia básica não consistia realmente na grande contra ofensiva, tal como os aliados a lançaram no verão de 1918 mas em uma segunda batalha de Verdum ou,

---

(11) Gal. Monchard "Le Facteur Aérien Dans La Guerre Moderne" Revue Des Questions De La Defense Nationale, Maio 1936 p. 159.

(12) General Schweissguth "Le Probleme Stratégique Allemand, Front Ocidental ou Front Oriental"? Revue Des Questions De La Defense Nationale, Março de 1940, pp. 328-33.

com mais precisão, na repetição do Marne. Como escreveu o General Chauvineau: "Sabemos que a Alemanha não pode fazer nada contra nós e que nós nada podemos fazer contra éla" (13)

De tudo isto resultava que a politica militar francêsa era atualmente defensiva, caraterizando a ofensiva como uma aventura. Em seu discurso de 3 de Março de 1935, pronunciado na Câmara, o Ministro da Guerra, General Maurin, declarava:

"Pode alguem continuar a pensar na ofensiva depois de se haver gastos milhares de milhões em eriar barreiras fortificadas? Seremos bastante loucos para desejar avançar além dessas barreiras e nos lançarmos quem sabe em que aventura?"

Esta perigosa ilusão, esta absoluta certeza com que a doutrina bélica alentava a nação de que a segurança da França estava absolutamente garantida contra a invasão alemã, por seus recursos materiais e seus métodos estratégicos e táticos, foi o piór de todos os disparates. O general Chauvineau escreve com certa ênfase:

"Si nossa fronteira é defendida por uma sólida frente; si nossa "nação em armas" está organizada na base da defesa de nosass fronteiras e particularmente, pelo esforço de seus corpos especiais, formados pelas reservas de "coverture", e finalmente, si dotamos nosso exército daqueles meios econômicos necessários para levantar sobre a terra em poucos dias posições fortificadas sobre bases de concreto, capazes de parar qualquer investida, ainda as de tanques . então nosso país estará a prova de ataques" (14).

E acrescenta:

"Si dotamos dois milhões de homens com um número apropriado de metralhadoras e casamatas ao longo das 250 milhas através das quais os alemães devem entrar na França, seremos capazes de detelos durante tres anos. Quando os exércitos não têm flancos, a resisténcia às forças inimigas termina por converter-se em rotina". (15)

Eram imprudentes ilusões as que tinham esses criticos acerca das questões vitais da defesa da França. Só havia terriveis auto-enganos no fundo da doutrina bélica francêsa. Não avaliavam a eficácia das modernas armas ofensivas. Petain e Chauvineau erravam por completo quando sustentavam que até as fortificações ligeiras — rêdes de arame farpado, casamatas, armas automáticas, tais como recomendaram e foram empregadas no Norte da França — eram inexpugnáveis. O certo é que foram incapazes de resistir só vinte e quatro horas o fogo da artilharia pesada, e a artilharia leve terminou por reduzir toda a linha fortificada.

Tal concepção das fortificações que constituia a base da doutrina bélica francêsa, passava por alto o fato de que a aviação podia cortar as comunicações da retaguarda com as linhas fortificadas; que se podia bombardear os fortes com bombas pesadas de mais de uma tonelada; que os tanques pesados eram armas penetrantes com couraça a prova da artilharia anti-tanque. Ao construir linhas fortificadas, ignoravam por completo as bases da estratégia moderna, pelas quais o agressor, introduzindo-se por uma brecha, acumula uma imensa superioridade no setor escolhido para o ataque, ordenando sua formações de combate, não em largura, sinão em profundidade, destroçando a frente inimiga e penetrando em seu território.

Antes de tudo, a doutrina bélica francêsa calculava a eficacia das modernas armas ofensivas sómente em forma aritmética e ainda assim de maneira inadequada. Passava por alto ao tratar do dinamismo das armas ofensivas: sua combinação e as caracteristicas táticas de seu emprego; o fato de que a força aérea, os tanques, os pioneiros "a infantaria de bloqueio", podiam, mediante um ataque por surpresa, por fora de ação e ocupar completamente os pontos fortificados, como foi demonstrado antes na expediência da guerra — e, mais tarde, na guerra da Holanda, Bélgica e França.

Porém, a doutrina bélica francêsa, que procede

O exército francês não poude enfrentar o inimigo nazista, porque os seus principais chefes despresaram, voluntariamente, a sua preparação técnica e ideologia

da ideia da defensiva, deixou, na verdade, o exército mal preparado para os fins da própria defesa. Não sómente porquê as fortificações levantadas no Norte da França, de acordo como o plano Petaint Chauvineau, eram inadaquados, como tambem porque a defesa na guerra moderna exige grandes concentrações de armas modernas — artilharia anti-aérea e anti-tanque — e exige proteção aérea para as forças defensoras. A estratégia soviética, a qual tem um caráter fundamentalmente ofensivo, proporciona ao exército vermelho uma frente movel em defesa aérea que inclue aviões de caça, artilharia anti-aérea, metralhadoras anti-aéreas e projetores. Formou divisões especiais motorizadas anti-tanques e as dotou de reservas anti-tanques. O atraso técnico da doutrina francêsa não sómente impediu dotar o exército de armas ofensivas modernas mas tambem não logrou abastecê-lo com aquelas armas modernas defensivas que não entravam dentro do esquema das fortificações para a infantaria. Uma vez que foi incapaz de descobrir táticas ofensivas modernas, não poude tambem elaborar métodos eficazes de defesa e instruir o exército em tais métodos. O tradicional treinamento da

(Continúa na página 37)

(13) Chauvineau: op. citado p. 188.
(14) Ibid. p. 146.
(15) Ibid. p. 178.

O presidente Vargas e a União Nacional

Em dois memoráveis discursos, o de 1.º de maio e o de Volta Redonda, o presidente Getulio Vargas traçou o programa de guerra do povo brasileiro. Mostrou, então, o presidente, qual é o pensamento do govêrno sôbre os problemas vitais do momento, pensamento que coincide com o do povo, e que vem ao encontro de tôdas as aspirações populares do Brasil. No discurso de 1.º de maio, mais uma vez, o sr. Getulio Vargas chamou todos os brasileiros para a união nacional contra os inimigos da liberdade e independência da Pátria — o nazi-fascismo e seu lacaio, o integralismo. A vigorosa denúncia que fez das atividades dos verdes contra a liberdade e soberania do povo brasileiro, tornou oficial o combate a um partido que, mesmo após ter sido lançado na ilegalidade pelo govêrno, continuava, e ainda continúa, as suas atividades traidoras, através da ação de seus afiliados, alguns, até, detentores de cargos importantes na vida social do País. Relembrando aos trabalhadores o *putsch* integralista de 11 de maio, autorizando cada um de nós a denunciar os que sabotam a defesa nacional, o presidente Vargas deu um magnífico exemplo de compeensão da gravidade e das responsabilidades do momento, mostrando que não é possível esquecer o integralismo, se que remos, realmente, fortalecer a frente interna, construindo a mais sólida união nacional, mobilizando todos os nosssos recursos materiais e homens. Ditando a palavra de ordem — produzir mais e melhor em cada setor de trabalho e combater, sem temor nem descanso, a quinta-coluna nacional e estrangeira, — o sr. Getulio Vargas indicou os verdadeiros caminhos da união nacional, e por êles mostrou se estar conduzindo. Quando falou na mobilização para a defesa nacional, o presidente não fez distinção de partidos entre os brasileiros, antes, pelo contrário, apelou para o patriótismo de todos; quando relembrou a integralistada de 11 de maio, pôs a claro a impossibilidade de confiarmos nos adeptos de um partido que, como declarou, era diretamente inspirado pelo nazi-fascismo, contra o qual combatemos. E dêsse modo, demonstrou a absoluta identificação, na hora atual, do pensamento do govêrno com o pensamento do povo brasileiro. No discurso de Volta Redonda, foi ainda mais longe o Chefe da Nação. Por motivo da instalação dos altos-fornos de nossa indústria metalúrgica, o sr. Getulio Vargas não se limitou apenas em traçar um programa para os tempos de guerra, senão que assinalou a natureza da luta do Brasil para após a vitória das Nações Unidas.

E o programa para então será — industrialização — na base da creação de indústria pesada. Revoltou-se o presidente contra os que, impatripticamente, ainda defendem a tese de que somos um país essencialmente agrícola e de que devemos continuar a sê-lo. Se nada fizéssemos para não sair dessa situação deshonrosa, a guerra patriótica e democrática em que nós estamos empenhados ao lado de todos os povos livres, seria, para o Brasil, pouco mais do que uma aventura militar. Pois, não é apenas contra uma forma política, baseada no esmagamento de tôdas as conquistas democráticas, que lutam os povos contra- o nazi-fascismo. Um dos ideais por que se batem, justamente, as Nações Unidas é o ideial da libertação econômica de tôdas as Pátrias, impossível em uma nova-ordem nazistas, onde sòmente o grande Reich seria uma nação altamente industrializada, enquando as demais, simples colônias agrícolas, fornecedoras de matérias primas. Portanto, bem o disse o presidente Getulio Vargas, devemos nos industrializar, o mais cedo possível, para que não sejamos um simples País semi-colonial, prêsa fácil do imperialismo, que as Nações Unidas se empenham em fazer desaparecer. Dêste modo, tambem no discuso de Volta Redonda o sr. Getulio Vargas deu um passo amplo para a concretização de uma duradoira união nacional de todos os patriotas brasileiros, traçando o único programa possível de uma luta pela liberdade e independência da Pátria. Porque ninguem poderá se opôr à sólida união de todos os brasileiros patriotas e anti-fascistas, em tôrno à política nacionalista que o presidente programou nos seus dois últimos discursos. Nenhum brasileiro honesto e conciente deseja outra coisa para o Brasil do que vencer o inimigo nazi-fascista, a sua ponta da lança, a quinta-coluna e o integralismo, e realizar a nossa verdadeira independência, que não é só política, mas tambem econômica. Nenhum brasileiro recusará, tambem, participar honestamente na realização dêste programa que o presidente Vargas traçou para o Brasil.

Os catolicos alemães em guerra contra Hitler

Himmler e seus agentes da Gestapo não ousam empregar a violência contra os bispos germânicos e seus fiéis

WASHINGTON, Maio — A "Cruzada cristã contra os bolchevistas ateus", idealizada por Adolf Hitler, foi o mesmo que um tiro pela culatra. Presentemente, Hitler está sendo forçado a defender o seu regime contra uma Cruzada Cristã organizada — porém com boa fé — pela Igreja Católica na Alemanha.

O resultado dessa guerra santa — uma luta pela conquista do último reduto para a sobrevivência, entre a Igreja e o Partido Nazista — terá um efeito decisivo sôbre a sorte da guerra do Eixo.

Essa guerra entre cristãos e nazistas já dura há quasi um ano. Em março do ano passado, meses antes da sua conferência anual em Fulda, os bispos católicos foram informados pelas autoridades nazistas de que as licenças para viajar — sem as quais não é possivel a um cidadão locomover-se de um lado para outro no Reich — não lhes seriam fornecidas.

Entretanto, os nazistas não contaram com a habilidade dos sacerdotes indignados contra tal procedimento. Sem aviso prévio, os bispos reuniram-se calmamente em Fulda, no mês de agosto passado. Esta reunião histórica, até agora ignorada pela imprensa e pelo rádio dos nazistas — marcou a passagem da Igreja Católica da fase de resistência passiva para a da resistência ativa contra o nazismo.

INIMIGOS QUE HITLER NÃO OUSA EXPURGAR

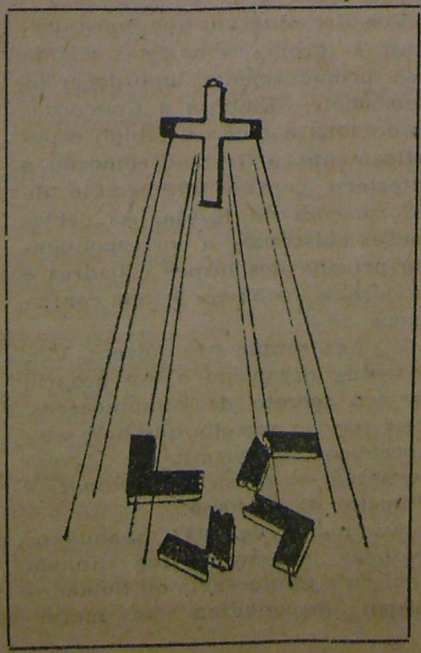
A Conferência de Fulda é a organização oficial dos bispos católicos na Alemanha. A sua orientação e regulamentos são aceitos pelos 21.000.000 de católicos do Reich. O seu novo presidente recentemente eleito, que é simultameamente o chefe da Igreja Católica na Alemanha, é o aristocrático e anti-nazista, Conde Konrad von Preysing, Bispo de Berlim.

Esta escolha dos católicos alemães constituiu uma bofetada em Heinrich Himmler, chefe da Gestapo, que em fevereiro último ordenou o confisco da Catedral de San Edwiges como "propriedade de pessoas que são hostis ao Reich". Aquela catedral é a Sé Episcopal do bispo de Berlim.

Konrad von Preysing, com os seus dois lugares-tenentes, o Cardeal Michael von Faulhaber, de Munich, e o Bispo Clemens Augusto, Conde von Galen de Munster, chefia a única oposição organização às claras qué hoje póde ser encontrada na Alemanha.

Os nazistas odeiam e temem três homens, mas não ousam fazer-lhes mal. O moral da população civil na Alemanha já se acha por um fio. No momento em que as autoridades nazistas procuram aproveitar a menor parcela de potencial humano dos milhões de civis já cansados da guerra, não seria conveniente correr o risco de provocar a ira dos católicos, por meio de perseguições aos seus chefes espirituais.

Faulhaber é o intelectual do trio. Sendo um homem tímido e que não aprecia as lutas politicas, figurou entre os primeiros a discernir as tendências anti-cristãs do nazismo.



Quando o reverendo Maryim Niemuller foi prêso, Faulhaber pediu aos seus fiéis que orassem pelos protestantes. Do alto do seu púlpito, êle exigiu tolerância para os judeus perseguidos, quando as cabeças começaram a rolar, tal como foi prometido pelos camisas pardas.

Recentemente, o Gauleiter Wagner, maioral nazista da Baviera, declarou em um momento de irritação: "E' um escândalo o fato do Arcebispo de Munich ainda se recusar a cooperar sinceramente com o regime nacional-socialista!"

Detentor da Cruz de Ferro por atos de bravura como capelão militar, durante a primeira Grande Guerra, o Cardeal não é dos que se deixam surrar deitado. Um jornal nazista o acusou de "réu de alta traição".

Em 1934, um camisa parda alvejou a tiros o Cardeal, mas Sua Eminência saíu ileso. Por duas vezes o seu palácio foi atcado pelas multidões incitadas pelos nazistas. Mas aquele príncipe da Igreja, que já conta 73 anos de idade, é de uma fibra invejável, mantendo-se no seu terreno. Êle conhece os seus bávaros e êles o conhecem. Os laços que os unem são fortes, indestrutíveis.

A CORAGEM DO BISPO DE MUNSTER

Clemens Augusto, Conde von Galen, Bispo de Munster, é o detentor inquestionável da palma pela clara, incisiva e violenta oposição aos nazistas.

Von Galen, que é um robusto provinciano, é absolutamente contra as meias palavras. Para êle, Himmler e os agentes da Gestapo não passam de "tiranos e assassinos... que enriqueceram, roubando as suas indefesas vítimas."

Do alto do seu púlpito, êsse prelado tem expandido essa opinião de fórma aberta mais do que clara, para gáudio dos seus fiéis. Êle tambem acusou os líderes nazistas de idolatriatria, adultério roubo e falsidade.

Von Galen ultrapassou tôdas as declarações de desprezo feitas antes, em um telegrama enviado a Hitler, em agosto de 1941. Depois de se queixar amargamente da Gestapo, von Galen terminou o

Os francêses na libertação da Africa

Nas lutas que se desenvolveram na Africa do Norte, e nas que estão tomando vulto nas ilhas mediterrâneas do sul da Itália, ombro a ombro com os soldados americano e britânico, o mundo livre contou com a contribuição do soldado francês.

Todos os homens aptos que conseguiram escapar da França ocupada e de Vechy, se encontram nas fileiras dos que combatem, ativamente, contra o barbarismo nazi-fascista. Na Africa do Norte a atuação dêsses soldados da liberdade foi eminente e destacada, em nada ficando atrás à atuação dos seus companheiros anglo-americanos. Para a mais eficiente atuação do exército francês combatente, é essencial: 1.º) — a união de todos os francêses anti-hitleristas; 2.º) — o armamento moderno das tropas francesas. E tudo isso já se está conseguindo, com o Comité Nacional de Libertação e com o auxílio das Nações Unidas. E deste modo, teremos novamente um exército que vai vingar a França imortal e continuar a tradição gloriosa dos vencedores de Valmy: — a de lutar pela liberdade da Pátria e pela liberdade dos povos.

telegrama com uma referência óbvia ao endeusamento de Hitler, frisando: "Eu sei que Adolf Hitler, não é um ser divino que exaltado acima das limitações carnais, fôsse capaz de conservar tudo em mente imediatamente, e de dirigir tudo."

Os Von Galens teem sido líderes na Westfália, durante os últimos 500 anos, e o bispo classifica os seus antepassados de "muito, muito católicos" (verdammt katolisch).

No dia 30 de junho de 1934, quando se verificou o histórico "expurgo de sangue" do regime nazista, a residência dos Von Gales foi cercada por homens da SS que se fizeram transportar em vários caminhões. Os chefes do grupo penetraram na residência e disseram ao bispo que estava preso. Sem se perturbar, Von Galen pediu licença para mudar de roupa, o que lhe foi concedido. Entrementes, formava-se em frente à residência episcopal uma grande multidão atraída pela presença dos agentes da Gestapo fardados.

Passaram-se alguns minutos e o bispo voltou à sala, porém, revestido de suas vestes episcopais para grandes cerimônias, alem do crucifixo, a alva e a mitra. O chefe do destacamento da SS acentuou então que o bispo ia "para a cadeia e não para a catedral".

O prelado atalhou prontamente: "Ao seu lado, atravessarei a pé as ruas da cidade até à cadeia, mas de carro não vou. Se não quiser assim, resistirei a fôrça".

Apontando da janela para as centenas de pessoas que se aglomeraram em frente à residência Von Galen frisou: "Não me pareça que seja um quadro muito bonito para êsse bom povo o vêr o seu bispo arrastado, debatendo-se nas mãos da Gestapo".

O chefe do grupo da SS teve de se conformar em deixar a residência dos Von Galens — mas sem o bispo...

O SERVIÇO SECRETO DA IGREJA

Muito embora não seja tão conhecido nem tão popular como o Cardeal de Munich ou o Bispo de Münster, o Conde von Preysing sacerdote de maneiras aristocráticas, é o verdadeiro chefe da Frente Católica na Alemanha.

O Bispo de Berlim é um homem inteligente, um verdadeiro homem da sociedade. Antes de ser sacerdote, foi diplomata, tendo abandonado a "carriére" em 1925. Politicamente, o seu episcopado de de Berlim é o mais importante da Alemanha.

Von Preysing viu que, para destruir a Igreja, os nazistas teriam que, primeiramente, amordaçar os seus chefes. Embora a Concordata de 1933 o tenha proibido especificamente, a Gestapo começou a interferir com o intercâmbio de informações da Igreja. As declarações episcopais, a correspondência privada dos bispos e padres e os jornais católicos foram confiscados.

Para enfrentar esta ameaça, Von Preysing organizou o seu próprio serviço secreto de comunicações. Êsse serviço secreto, que hoje está aperfeiçoado, permite à Igreja conservar-se coesa e funcionar, a despeito da Gestapo.

Em março de 1942, quando os nazistas pensaram que tinham contido a Conferência de Fulda, os bispos responderam no mesmo mês com uma carta pastoral conjunta distribuida, secretamente, pelo serviço secreto de von Preysing.

Desafiando os próprios fundamentos da filosofia totalitária, os bispos escreveram na pastoral: 'Frisamos que defendemos os direitos religiosos e clericais, mas tambem os direitos humanos concedidos por Deus à Humanidade... Todos os homens teem o direito natural à vida e às coisas essenciais para viver... o direito natural à liberdade pessoal... o direito natural de propriedade... e o direito natural à proteção de sua honra..."

Em junho, os bispos redigiram uma segunda pastoral reclamando uma paz baseada nas condições expostas por Pio XII: "Uma paz com bençãos... de verdade sincera, de incorruptível justiça e caridade mútua". Evidentemente que não aludiram a uma paz nazista.

Uma terceira pastoral! distribuida em agosto advertia aos católicos alemães contra as "venenosas inverdades" por meio das quais os nazistas procuravam destruir as relações entre os leigos e a Igreja.

A quarta pastoral de outubro continha um detalhado ataque crítico às condições gerais da imoralidade que prevalecem na Alemanha.

Aqueles quatro documentos dão a chave para a estratégia do Bispo von Preysing e de seus lugares-tenentes. Os líderes do catolicismo alemão estão denunciando o regime nazista ponto por ponto como uma ameaça à civilização cristã. Os bispos estão mostrando cautelosamente ao seu povo que o hitlerismo constitue a negação de todos os ensinamentos cristãos.

O que esta guerra representa para as mulheres

MARIA YEDDA LEITE

A guerra que enfrentamos hoje, si a princípio era apenas uma guerra de interêsses econômicos, onde se degladiavam fôrças imperialistas, transformou-se, pelo seu desenvolvimento ulterior, por fôrça da profundidade atingida pelo choque, em uma guerra de povos que lutam por sua independência e por sua liberdade.

Pela primeira vez na história do mundo, a guerra veiu violentamente ao encontro da mulher, em seu lar, em sua fábrica, em seu escritório, e ela soube, logo de início, que uma reação unida e conjunta iria salvar não somente a integridade do seu solo, como constituiria tambem a sua oportunidade máxima de decidir qual o papel que lhe estará destinado no mundo de amanhã. Será reduzida ao estado feudal de submissão ao sexo masculino, um elemento inutil à margem da realidade internacional? Desempanhará funções de simples máquina de reprodução, cosinheira e dama de companhia dos filhos, como determina o sistema nazista dos três K (Kirsche: cosinha; Kuche: igreja; Kinder: criança)? Ou saberá ela aproveitar-se da oportunidade que esta guerra lhe oferece para concretizar as suas aspirações de igualdade social e política com os homens?

Compreendendo êste problema é que mulhes como Eleanor Roosevelt, madame Chiang-Kai-Shek e uma multidão de outras, anônimas, na Inglaterra, nos Estados Unidos, na China, na União Soviética, prestam sua colaboração em todos os setores de atividades da luta, coordenando esforços, cooperando na produção bélica, nos serviços de defesa passiva, em organizações femininas as mais variadas, tornando-se assim um elemento de magna importância na luta contra o fascismo. Em se integrando de fórma tão eficiente na vida política, social e econômica de seus países, estas mulheres não podem deixar de se impôr à admiração do mundo progressista e mesmo daqueles que ainda se acham impregnados de preconceitos carcomidos, pois a vitória alcançada pelo sexo feminino na presente guerra é algo de concreto e insofismável.

Tambem para a mulher brasileira, êste é o momento de definir a sua situação. Aquí, como em outros países latinos, quer por tradições seculares, onde se vê bem patente a influência oriental dos costumes, quer por temperamento, quer por natural comodismo, a mulher pouco tem realizado no sentido de obter para si um patrimônio de privilégios que torne possível o pleno desenvolvimento de suas faculdades em um ambiente onde impera, supremo, o sexo masculino de fortes tendências patriarcalistas. Tratemos, pois, de acabar com os tabús e as incompreensões. Mostremos que tambem somos sêres humanos, com um cérebro para pensar, mãos para agir. Não podemos nem queremos cruzar os braços em atitude passiva, sentando comodamente em nossa casa, à espera do príncipe encantado que nos virá buscar para um outro cativeiro, enquanto o mundo se debate e o nosso futuro é ameaçado pelas fôrças traiçoeiras do inimigo fascista. Como parte integrante dêste mundo, temos o dever de lutar por sua preservação. Para lutar por nossas reivindicações, não necessitamos de concentrar nossos fogos nos tabús existentes e nas incompreensões reinantes. Concentrando os nossos fogos no centro do inimigo, no fascismo, dirigindo todos os nossos esforços para a luta contra o fascismo, tabús e incompreensões cairão por si, ruirão por terra.

Esta é a grande oportunidade das mulheres. Resta-nos saber aproveitá-la. Nossa participação póde ser a mais ampla possível. Desde já trabalhando de corpo e alma nas organizações patrióticas existentes, na Cruz Vermelha, na Legião Brasileira de Assistência, na Defesa Passiva, nas Uniões Estudantís, na Sociedade Amigos da América, na Liga de Defesa Nacional, etc. Tôdas nós devemos fazer isso, porque fazendo asssim, estaremos lutando contra o fascismo e pela libertação do sexo.

A mulher bahiana não desmente às suas tradições de abnegação e patriótismo. Ela está cada vez mais, integrada na luta do povo brasileiro e das Nações Unidas. Porque ela repudia o fascismo com a intensidade que todos nós repudiamos. Na fotografia vemos um grupo de legionárias da L. B. A. tendo à frente a exma. sra. d. Ruth Vilaboim Pinto Aleixo, fazendo a doação da bandeira 18 R. I., regimento recem-criado para lutar pela liberdade e independencia da Pátria.

DEPOIS DESTA GUERRA...

ANTONIO OSMAR GOMES

E' muito natural que todos os que se encontram investidos da mais pequena parcela que possa ser de responsabilidade nos destinos dos povos, se achem sob o peso de graves apreensões, nesta hora dramática e incerta que o mundo inteiro atravessa.

Mas o que deveremos compreender nesta expressão de transcendental alcance e significação — *destinos dos povos*, não há-de ser apenas o futuro político ou econômico das nações para, dentro da órbita restrita dêstes problemas, que reputamos secundários, se refazerem da tremenda crise pela qual estão passando. Tão pouco será a delimitação geográfica de seus domínios, a hegemonia desta ou daquela raça, nem os acôrdos, nem os tratados nem nada disto tudo que se nos apresenta absolutamente precário, desde que a tudo isto falte um elemento essencial — a compreensão recíproca dos povos, sob a sólida base da ordem moral.

E' que, a nosso vêr, sem ordem moral, de princípio, nunca se alcançará a finalidade ideal da paz entre os homens. Daí, por conseguinte, considerarmos que o problema mais angustioso a ser resolvido depois desta guerra e dela mais ou menos consequente, é o problema social, problema que, por sua propria natureza, é um problema de ordem moral. E a sua solução, evidentemente, não depende desta nem daquela classe ou casta, qualquer que seja o seu gráu de predomínio e a sua escala hierárquica. E' um problema que tem a sua soluçãa dependente de cada homem, em particular, e de todos os homens, em geral.

Em síntese, o problema social é um problema moral. E, como problema moral, interessa a cada um e a todos, ao mesmo tempo.

De solução dêsse grande e incompreendido problema, resultará, sem dúvida alguma, a solução de todos os demais que lhe estão subordinados, dentro dos destinos dos povos, isto é, os problemas de ordem política e de ordem econômica.

Todavia, não nos parece que a humanidade já tenha procurado compreender que a questão social é, antes de tudo uma questão moral e, como tal, não poderá ser imposta pela fôrça bruta, porque há-de ser, essencialmente, obra da inteligência, tarefa de espírito. Eis porque a consideramos, de início, obra e tarefa de todos e de cada um. Assim é que cada indivíduo, com a sua própria inteligência e como sêr espiritual, usando da liberdade que lhe é atributo personalista, tem o dever de querer cooperar pela bôa ordem moral, seja qual fôr o lugar que ocupe na sociedade, seja qual fôr o seu estado, seja qual fôr o seu meio.

Sob o ponto-de-vista moral, ninguem é só nem deve considerar-se só e sem responsabilidades no seio da sociedade humana. A ninguem é lícito dizer que essa ou aquela obrigação moral, de alcance social, não é de sua competência nem depende de sua observância. E si assim é na vida do indivíduo, muito mais ainda o é na vida da família.

Cumpre à família o dever maior de cooperar na solução do problema social, que muito diretamente lhe afeta a própria integridade. E a sua colaboração deve estar compreendida no zelo dos seus chefes, responsáveis imediatos pela bôa orientação e perfeito desenvolvimento das virtudes de vida interior e moral de seus componentes.

Do mesmo modo, no sentido moral, para o bem comum, social, deve cooperar a educação, como devem cooperar a escola e a caserna.

Uma cooperação, no entanto, se depara ao homem, dentro das exigências inclináveis da moral, como sendo das mais importantes e das mais difíceis de se interpretarem e, sobretudo, de se praticarem. E' a cooperação entre o capital e o trabalho. Tôdas as crises sociais decorrem da desharmonia latente e profunda entre êsses dois elementos vitais da sociedade humana, que, tão constantemente, já estabeleceram entre si um ambiente de mútua desconfiança e de hostilidades recíprocas, dadas as desigualdades de meios em choque. Dêsse lamentável estado de incompreensões e de hostilidade entre o capital e o trabalho, nada de construtivo o homem tem conseguido para o desejado equilíbrio social, antes, pelo contrário, se tem suscitado êste grande mal que divide a sociedade — o ódio de classes, deflagrado em lutas tremendas, nas quais o Estado já teve que intervir, por meio de leis impostas mais em função policial do que em ação educativa e moral.

Eis o que ocorreu depois da guerra de 1914-1918, em que as classes se achavam hostilmente divididas e os ódios coletivos fermentavam terrivelmente. Leis sociais se promulgaram, louváveis nos seus intuitos, porém, quasi que de todo ineficientes e até mesmo contraproducentes. Era que o mal reinante não havia de ser debelado como se fôra apenas social, carente da polícia repressiva ou preventiva do Estado. O mal era e continuou a ser moral, mal da inteligência, mal da cultura, mal do espírito. A medicina das leis teria de ser-lhe impronta, como o foi. Quando muito atenuaria os efeitos da moléstia que corroía o organismo da sociedade, mas não o poderia curar da enfermidade que tinha outras causas mais profundas e mais fortes.

Daí as graves apreensões que pairam nos espíritos, de-

(Continúa na página 32)

Para a frente, á Vitória!

POR BORIS GARBALOV

Companheiro :

Acabam de lêr-nos a ordem : ao amanhecer, ao combate. Restam, apenas, sete horas até o amanhecer.

Agora é noite, há um longínquo cintilar de estrelas e um grande silêncio; cessou o troar da artilharia; caíu em rápido sonho, o vizinho; em alguma parte, ouve-se apenas, o cantar dos pássaros; algo cochicha ao transmissor...

Há instantes de um silêncio particular, que jamais podem ser esquecidos !

Alguma vez recordarei esta noite.

Como flutuava a luz da lua, sobre a estepe do Donetz. Como vibravam, certamente frias, as estrelas. Como se agitava no sonho, o vizinho. E sobre as colinas e as trincheiras e as posições de fogo se extendia o silêncio, um terrivel silêncio de pólvora. O silêncio antes de um combate

E eu, enterrado na trincheira, encobria a lanterna com o capote meio humedecido, escrevia-te uma carta e pensava... E como eu, milhões de combatentes desde o Oceano Ártico até o Mar Negro, estavam enterrados nesta noite sobre a terra úmida, esperavam o amanhecer e o combate e pensam a respeito da vida e da morte, a respeito de seu destino.

Companheiro :

Quero viver !

Viver, respirar, andar pela terra, vêr o céu em cima da cabeça.

Mas, não quero viver qualquer vida, não a qualquer vida estou disposto.

Ontem chegou arrastando-se até as nossas trincheiras um homem "da outra margem"; fugiu dos alemães. Chegou arrastando-se sobre seus pés inchados, sobre seus músculos dessangrados. Ao ver-nos, aos seus, começou a soluçar. A todos apertava a mão. A todos quiz abraçar. Seu rosto parecia saltar e os lábios se estremeciam, tambem...

Entregamos-lhe nosso pão, nosso toucinho e nosso fumo. E quando o homem acabou de matar sua fome e tranquilizar-se, contou-nos dos alemães; das violações, tormentos, roubos. E o sangue começou a ferver nos combatentes, ouvindo-o, e ardentemente golpeava o coração.

E eu olhava as costas dêste homem. Olhava sem cessar. Mais terrivel que todas as narrações, foram estas costas.

Não mais que mês e meio permaneceu êste homem debaixo do poder dos alemães e suas costas se haviam dobrado. Como se lhe tivessem quebrado o espinhaço. Como se todo o mês e meio houvesse andado inclinando-se, torcendo-se, tremendo, com as costas à espera do golpe. Eram as costas de um homem que carecia de liberdade. Eram as costas de um escravo.

Ergue-te ! — quiz gritar-lhe. Eh, apruma as costas, camarada ! Já estás entre os teus.

E' quando, com uma clareza cabal vi o que o alemão guarda para mim : uma vida com as costas dobradas, subjugadas.

Companheiro : restam, ainda, cinco horas até o amanhecer. Dentro de cinco horas irei ao combate. Vou lutar não por esta colina que piso, defronte do alemão. Por alguma coisa maior é a luta. Trata-se de resolver quem será o dono do meu destino; eu ou o alemão.

Até agora, eu, tu, cada uma era dono de seu próprio destino. Escolhiamos o trabalho por vocação, a profissão pela alma, uma companheira pelo coração. Homens livres em uma terra livre, com orgulho olhávamos para o amanhã. Todo o país era nossa pátria. Em cada casa, camaradas. Qualquer profissão era digna; o trabalho, uma honra e uma glória. Sabias : cada nova tonelada de carvão extraída por ti na mina, dava-te glória, honra, um prêmio. Cada quintal de pão conseguido por ti nos campos Kolkosianos aumentava tua riqueza, a riqueza de tua família.

Porém, eis que aparece o alemão. O alemão torna-se dono de teu destino. Esmaga teu Hoje e rouba o teu Amanhã. Êle será o amo de tua vida, de tua casa, de tua família. Póde tirar-te a casa — e tú, retorcendo tuas costas, debaixo da chuva, debaixo da tempestade, terás que abandonar teu lar. Póde tambem conservar-te a vida, êle necessita animais para o trabalho e teconverte em um escravo com um espinhaço quebrado, subjugado. Conseguirás um quintal de pão, êle t'o tirará, te deixará faminto. Arrancarás uma tonelada de carvão, êle a roubará e ainda te injuriará : "Porco, trabalhas mal". Sempre serás para êle o Ivan Russo, o ser inferior, um animal. Obriga-te a esquecer a lingua de teus pais, a lingua com que pensavas e sonhavas, a lingua na qual declaraste o amôr a tua noiva. Obrigava-te a aprender o alemão e rír-se-ia ao ouvir como mutilas uma lingua estrangeira.

Todos os teus sonhos, os pisa, todas as tuas esperanças, as desfaz. Tu sonharas que teu filhinho, quando adulto, seria um sábio, um engenheiro, um homem famoso no país, porém, o alemão não precisa dos sábios russos; aos seus tambem os encerrou em campos de cães. Êle necessita de um estúpido animal de trabalho, e porá a teu filho no jugo, tirando-lhe, tambem, sua infância, sua juventude, seu porvir.

Tu cuidavas e acariciavas a tua filhinha, a tua belezinha; quantas vezes acontecia que tú, junto com tua mulher, vos inclinaveis sobre a branca caminha da Mariinha e sonháveis com sua felicidade. Porém, o alemão não necessita de jovens russas puras. À casa pública, para o goso da soldadesca desenfreiada, jogará êsse orgulho vosso, a Mariinha, a maravilhosa, a bela.

Estavas orgulhoso de tua mulher. Oxana foi a primeira jovem em nossa mina. Todos te invejavam. Porém, na escravidão, a gente não fica formosa, nem jovem. Logo a tua Oxana será uma velha. Uma velha com um espinhaço dobrado.

Tú honravas aos teus queridos velhos — a teu pai e a tua mãe — êles te alimentaram, educaram-te. O

pais ajudou-te a assegurar-lhes uma velhice tranquila, digna. Porém, o alemão não necessita de homens russos velhos; não têm cotação como animais, e o alemão não te dará para os teus pais nem uma só grama dos quintais de pão que obterás com teu suor e sangue...

Póde ser que tudo isso o aguenteis, póde ser que não morras, idiotizando-te. Resignar-te-ás, arrastarás esta vida cega, de fome, sem alegria ?

Esta vida eu não a quero ! Não, não a quero ! Não, é melhor a morte que essa vida ! E' melhor a baioneta na garganta que o jugo sobre o pescoço ! E' melhor morrer herói que viver como escravo !

Companheiro :

Restam três horas até' o amanhecer. Meu destino, e com êle tambem o destino de minha família, de meu pais, de meu povo !

Companheiro :

Esta tarde fusilamos a Antônio Chuvirin, o soldado da 3.ª Companhia.

O batalhão formava um pequeno quadrado; o céu estava severo, as folhas amareladas, caiam no campo, e nossa frente imóvel. Ninguem se movia.

Estava êle diante de nós, com os braços para traz, com um capote sem cinta. O misero, o traidor, o desertor Antônio Chuvirin, e seus olhos covardemente, recorriam por todos os lados, não nos olhava cara a cara. Temia-nos, aos companheiros. Porque atraiçoou-nos.

Quiz êle, acaso, a vitória do alemão ? Não, não, claro está que não, como não a quiz nenhum homem russo. Porém êle tinha a alma de uma lebre, e o coração de um porco. — Êle provavelmente tambem refletia a respeito da vida e da morte, a respeito de seu destino. E a respeito de seu destino julgou desta maneira :

"Meu destino é minha pele".

Parecia-lhe que julgava astutamente : "Si os nossos ganham, muito bem. E então, terei salva a minha pele. Si o alemão vence, que fazer ? Irei como escravo do alemão. Ficarei da mesma forma com a minha pele.

Quiz adormecer-se, fugir da guerra, como se podesse alguem esconder-se da guerra ! Êle quiz que por êle, por seu destino, lutassem e morressem os companheiros e não êle.

Ah ! te enganaste na conta, Antônio Chuvirin. Ninguem lutará por ti, se te escondes no matagal Aqui, cada um luta por si e por sua pátria ! Por sua própria família e por sua pátria ! Por sua sorte e pela sorte da pátria ! Não nos arrancarás — ouves ? — não nos arrancarás da pátria : com o sangue, com o coração, com o cérebro, com a carne estamos a êles pegados. Sua morte é a nossa. Sua vitória é nossa vitória.

E quando triunfarmos, perguntaremos a cada um : e tú que fizeste pela vitória ?

Nada esqueceremos, a ninguem perdoaremos !

Aí está, no capinzal, Antônio Maldito, um homem que se afastou de sua pátria, em uma hora de perigo para ela. Guardava sua pele, para uma vida de cachorro, e encontrou uma morte de cachorro.

E nós marcharemos adiante em tropel, com um passo de ferro. Marcharemos adiante, sem vacilar, sem lamentar. Ao amanhecer, iremos ao combate Corpo a corpo. Lutaremos, sem temer pela vida. Póde ser que morramos. Porém, ninguem dirá de nós que nos acovardamos, que nossa pele nos era mais cara que a nossa pátria.

Companheiro :

Restam, ainda, duas horas pará o amanhecer. Vamos pensar um pouco.

Olho na profundidade da noite com os olhos de um homem ao qual a vizinhança do combate e da morte, permite-lhe vêr longe. Por detrás das montanhas de amargura, vejo a nossa vitória : "Havemos de conquistá-la ! Através de torrentes de sangue, através de penas e sofrimentos, através do horror da guerra, chegaremos até ela. À plena e definitiva vitória sobre o inimigo ! Com sofrimentos a conquistamos, com sofrimentos a reconquistamos.

Recordemos os anos de antes da guerra. Sobre toda nossa geração, eternamente, pendia a espada da guerra. Viviamos, trabalhávamos, acariciávamos as mulheres, educavamos aos filhos, porém, nem por um só instante esquecíamos : alí, detrás de nossas fronteiras grune uma fera. A guerra era nossa vizinha. A respiração da víbora envenenava o nosso trabalho, a vida, o amôr. E dormíamos inquietos. No fundo do baú não se escondia o velho capote. Esperava-se.

O inimigo nos atacou. Ei-lo aquí em nossa terra. Há um combate terrível. Um combate de vida ou morte. Agora, já não há compromissos. Não há escolha. Afogá-lo, destruí-lo, de uma vez por todas, acabar com a besta hitleriana ! E quando o último fascista baixe ao túmulo, quando cesse o último disparo do obuz, — como um mau sonho, se desparramará a pesadilha parda e chegará a calma, a magestosa e sólida calma da vitória. E nós ouviremos, camarada, não somente como alvorada a selva alegre. Ouviremos, tambem, como aliviado, alegre, respira o mundo, toda a humanidade.

Entreremos nas cidades e aldeias emancipadas do inimigo, e nos receberá uma calma solene, o silêncio das almas repletas de felicidade. E depois, trabalharão de novo as fábricas restabelecidas, florescerá a vida...

Uma vida maravilhosa, camarada ! Uma vida na terra livre em confraternização com todos os povos

Morrer por esta vida, não é muito. Esta não é uma morte, mas a imortalidade !

Já amanhece !...

Pela terra, fugiram as tímidas sombras. Nunca me pareceu tão linda a vida do amanhecer. Olha, que formosa se acha a estepe do Donetz, como brincam sob os raios do sol as montanhas de...; converteram-se em prata.

Sim, existe o desejo ardente de viver ! Vêr o triunfo ! Apertar contra o áspero capote a cabecinha da filha ! Amo muito a vida, e por isso agora ao combate. Irei ao combate pela vida ! Pela felicidade de meus filhos ! Pela felicidade de minha pátria ! Pela minha felicidade ! Quero a vida, porém, não a pouparei. Amo a vida, porém, não temo a morte. Viver como um guerreiro, e morrer tambem coma um guerreira, eis aí como eu entendo a vida !

Troaram os obuzes. Preparação da artilharia. Agora, chegará a nossa vez.

Companheiro : Sobre a estepe do Donetz se levanta o Sol do combate.

Sob os seus raios juro-te solenemente, camarada : não tremerei no combate Ferido, não abandonarei a tropa. Cercado de inimigos, não me entregarei. Não há em mim, agora, nem coração, nem temor, nem inquietude, nem pesar; para o inimigo só há ódio. Um ódio feroz. O coração arde E' nosso combate mortal Para a frente.

Deveres do cidadão em tempo de guerra

THOMAS MANN

N. R.—Thomas Mann é, hoje, para todo o mundo um exemplar dos mais fortes de honestidade e de ardor combativo. Como um verdadeiro representante da cultura e da civilização humana, desde os primeiros momentos, manifestou, dentro da própria Alemanha, a sua repulsa aos inimigos da Humanidade, aos inimigos da arte e da cultura.

Hoje, está ele na América, fiel ao seu povo, denunciando ao mundo as mistificações prussianos-fascistas e a miséria toda do Terceiro Reich. Thomas Mann é hoje um cidadão americano, para honra da nossa inteligência e da nossa cultura, para honra da Democracia.

Foi pedida minha opinião sôbre alguns dos folhetos publicados pelo Departamento do Tesouro para explicar os fins dos Bonus de Econômia de Guerra e o seu mecanismo.

Não me pediram opinião pelo fato de eu ser um escritor, pois os novelistas não entendem mais de finanças do que as outras pessôas, e não é necessário que eu seja um filósofo para compreender os deveres de um cidadão quando sua pátria está em guerra.

Falo, pois, como homem que trabalha, que paga impostos e que é cheje de família, como amigo da América e inimigo dos inimigos dela.

Que ninguem espere, pois, revelações surpreendentes.

A América e os seus aliados têm que ganhar a guerra. Se a América vencer, estaremos longe de alcançar o paraíso na terra; mas, se a América perder, haverá inferno em todos os cantos da terra.

Por isso, todos devemos contribuir com o que estiver ao nosso alcance para a vitória da América. E o faremos em nosso próprio interêsse e pelas mais elevadas coisas do mundo.

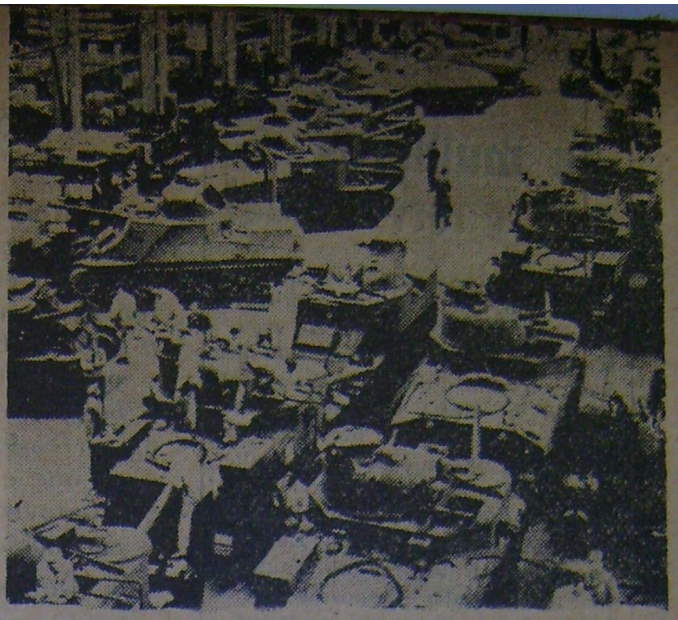
De resto, nesta guerra, dificilmente se encontrará uma diferença entre o interêsse patriótico e o interêsse pessoal.

Se as potências do Eixo triunfassem, a liberdade desapareceria e com ela toda a prosperidade e a felicidade de todos os indivíduos.

Nossa contribuição para a causa comum é em parte voluntária e em parte compulsória. Os sacrifícios voluntários são na realidade aqueles pelos quais uma verdadeira democracia vive.

Os alemães, meus compatriotas até há alguns anos, também, se sacrificam muito por sua pátria, muitíssimo, porém, obrigatoriamente. Mesmo que se tenha a impressão de que os sacrifícios são voluntários, é necessário recordar que a Gestapo e os campos de concentração formam o fundo do panorama...

Mas, na América e nas demais democracias, o sacrifício absolutamente voluntário é o



Os Estados Unidos conseguiram a total mobilização, a criação de uma poderosa industria de guerra, graças a compreensão e espirito patriótico dos americanos, que colaboram com trabalho, sangue e bonus de guerra.

elemento central. A política governamental aponta-nos seus objetivos, suas vantagens e os perigos que pretende combater, e então a decisão é deixada ao nosso critério. Os sacrifícios voluntários dão maior satisfação do que os involuntários e produzem melhores frutos.

Há serviços que, prestados ao Estado, são diretamente prestados a nós mesmos; ações em que as nossas conveniências pessoais coincidem com as do Estado. A aquisição de bonus de guerra é um dêsse serviços na minha opinião.

Vivia na Alemanha ao tempo da famosa inflação, e sei quais as ruínas, loucuras e vícios que pode fomentar uma inflação radical. A América passou por êsse transe. Não obstante, o perigo de inflação acompanha todas as guerras, porque o poder aquisitivo geral sobe em período de guerra, enquanto a produção das mercadorias de tempo de paz diminue em face da crescente procura. Um cidadão democrático e disciplinado prevê voluntàriamente algumas das coisas que lhe vão faltar e economisa para a época em que cessar a febre dos tempos de geurra e o excessivo poder aquisitivo.

A mais segura instituição de economia é, e continúa a ser, o Estado. O Estado necessita de dinheiro para a guerra e toma-o emprestado mediante condições vantajosas.

Mas, se a América perdesse a guerra? Nesse caso, a nossa inversão de capital em bonus de guerra seria provisoriamente perdida, mas aconteceria o mesmo com os nossos títulos de dívida pública e privada, com o dinheiro que tivessemos nos nossos bolsos e o automóvel guardado em nossa garage. Perderíamos, porém, coisas muito mais importantes do que o dinheiro e os automóveis. E comprando Bonus de Guerra, estamos auxiliando a América a conquistar a VITÓRIA.

As mulheres e a guerra atual

Os acontecimentos da guerra atual têm criado novas condições de vida para a mulher. No mundo inteiro, a mulher têm sido levada a uma participação mais rápida e direta na vida social. Telegramas diarios noticiam as atividades da mulher na Inglaterra, na' China, no Brasil, na Africa do Sul, nos Estados Unidos, nos países ocupados da Europa, em todos os logares do mundo. As necessidades impostas pelas circunstancias atuais, a substituição dos homens nos serviços básicos da vida nacional, a urgência das tarefas de produção, os serviços auxiliares das forças armadas, todos esses fatos realisaram rapidamente, conquistas femininas longamente disputadas. A mulher, no momento atual, não discute nem protesta os seus direitos femininos. Conquista simplesmente, pela ação, pelo trabalho, pelo sacrificio, pelas lútas e sofrimentos de guerra, seu logar na vida das Nações. E não é sómente a mulher desta ou daquela Nação. São todas as mulheres do mundo que assim o fazem levadas pelas circunstancias e pela compreensão do que é o fascismo. A experiência da lúta vai dando à mulher, a conciência de seu valor, desconhecido na "Nova Ordem" fascista. Por isso, á medida que vão participando mais ativamente nas lútas sociais, as mulheres vão tambem adquirindo um conhecimento mais êxato do fascismo e aumentando o seu horrôr contra ele. Compreendem como o fascismo tenta fazer a mulher voltar á mais torpe escravidão. Isso é hoje um fato evidente que acontece nos países ocupados da Europa diante dos olhos abertos do mundo inteiro. O fascismo, tirania universal organisada, inclue a mulher entre os seus ultimos elementos dominados. Ela é menos do que uma escrava, é um simples animal.

Mas os povos do mundo estão unidos contra a ameaças do fascismo e virá o dia da Vitória. Nesse dia, as mulheres terão conquistado o seu logar definido na comunidade humana. A guerra atual está transformando a mulher num elemento vivo do organismo social, está colocando a mulher na sua verdadeira posição de companheira e colaboradora do homem.

CANTO A

PLA

(Tradução de Jorge Ama

Pae nosso, que estás na terra, na agua e no ar
de toda nossa extensa e silenciosa latitude,
em nossa casa, pae, tudo leva o teu nome:
teu nome na doçura dos canaviais,
o estanho bolivar tem um fulgor bolivar,
o pássaro bolivar sobre o vulcão bolivar,
a batata, o salitre, as sombras especiais,
as correntes, as veias da fosfórica pedra,
tudo que é nosso vem de tua vida extinta,
tua herança foram rios, planuras, campanários,
o pão nosso de cada dia é tua herança, pai!

Teu pequeno cadaver de capitão valente
estendeu no imenso sua metálica forma,
de súbito surgem dedos teus de entre a neve
e o austral pescador saca à luz, de súbito,
teu sorriso, tua voz palpitando nas redes.

De que côr a rosa que junto à tua alma elevaremos?
Vermelha será a rosa que recorde teu passo.
Como serão as mãos que toquem tua cinza?
Vermelhas serão as mãos que em tua cinza nascem..
E como será a semente de teu coração morto?
E' vermelha a semente de teu coração vivo.

Por isso, hoje, ha ronda de mãos junto a ti.
Outra mão junto a minha, e ha outra junto a ela,
e outra mais e mais outra até o fundo do escuro continente.
E outra mão que tu não conheceste outrora
vem tambem, Bolivar, estreitar a tua:
De Teruel, de Madrid, do Jarana, do Ebro, ...
dos cárceres, do ar, dos mortos de Espanha,
chega esta mão vermelha que é filha da tua.

BOLIVAR E O PAN

Hoje recordamos Bolivar, não já apenas como o campeão da liberdade da sua Pátria, como o caudilho mais vigoroso das revoluções populares americanas, mas, sobretudo, como um mestre e um precursor.

Bolivar vive ainda, na grande força das suas idéias e do seu idealismo, no período agitado dos nossos dias. Porque o que êle desejou para os povos da América, a união indissoluvel das repúblicas do Continente, para debelar os perigos e as ameaças do exterior e para a concretização de uma assistência mútua e eficiente em todos os setores da vida destas repúblicas, é um ideal que perseguimos hoje, e que hoje está em marcha para a sua completa realização. Com Bolivar, com Miranda, com Bonifácio e tantos outros grandes nomes da chamada revolução americana, as nações do mundo colombiano lutavam pela sua libertação dos grilhões coloniais. Hoje, lutamos para conseguir manter a liberdade que os nossos povos, guiados por esses grandes chefes, conquistaram com sangue e com sacrificios. Hoje lutamos para realizar a liberdade integral das nossas pátrias, para derrotar a mais diabólica conjugação de forças que já se lançaram contra a liberdade e a soberania de todos os povos — o imperialismo nazi-fascista. Na grande luta que empreendemos hoje, o pensamento de Boli-

BOLIVAR

ERUDA

(Manoel Caetano Filho)

Capitão, combatente, alí, onde uma boca,
clama Liberdade, onde um ouvido escuta,
onde um soldado vermelho rompe uma frente parda,
onde um laurel de livres brota, aonde se adorna
uma nova bandeira com o sangue de nova terra nossa,
Bolivar, capitão, se divisa teu rosto.
Outra vez, entre pólvora e fumo, tua espada está nascendo.
Outra vez se bordou com sangue a tua bandeira.
Os malvados atacam tua semente, de novo,
cravado em outra cruz está o filho do homem.
Porém para a esperança nos conduz tua sombra,
o laurel e a luz do teu exército vermelho,
atravez da noite da América, com teu olhar divisa,
Teus olhos que vigiam mais alem dos mares,
mais alem dos povos oprimidos e humilhados,
mais alem das negras cidades incendidas,
tua voz nasce de novo, tua mão outra vez nasce,
teu exército defende as bandeiras sagradas,
a Liberdade tange os sinos sangrentos,
e um som terrivel de dores, precede
a aurora avermelhada pelo sangue do homem.

Libertador, um mundo de paz nasceu em teus braços.
A Paz, o pão, o trigo, de teu sangue nasceram,
de nosso jovem sangue gerado de teu sangue
sairá paz, pão e trigo para o mundo que faremos.

Eu conhecí Bolivar numa profunda manhã,
em Madrid, na boca do Quinto Regimento,
e lhe disse: "Pae, sois ou não sois, ou quem sois?"
E, fitando o Quartel da Montanha, respondeu:
"Desperto cada cem anos quando o povo desperta!"

AMERICANISMO

var, os ensinamentos que nos deu Bolivar, seguem sendo um roteiro acertado. Como êle queria, e nós tambem o desejamos, sómente com a mais completa união nacional nos países americanos, e com a mais estreita união, colaboração entre estes países, é que conseguiremos vencer o nosso grande inimigo, o nosso único e veradadeiro inimigo, o imperialismo germano-fascista. A lição do Libertador, não se atem sua aplicação, sómente aos povos da América, pois, já agora, não somos nós, sómente, os que lutamos pela liberdade e independendência da Pátria. Por esse ideal tambem lutamos, cada vez mais unidos aos nossos irmãos do Velho Mundo, que estão defendendo, a fogo e sangue, a sua liberdade, e tambem a nossa liberdade. Neste caso Bolivar aconselharia a nossa participação ativa na luta, ao lado dos exércitos das Nações Unidas que estão desgastando implacavelmente a máquina bélica do "eixo", e se fosse ele vivo, é bem possivel que o tivessemos à frente de uma força expedicionária americana, nos campos onde as armas da liberdade estão esmagando o nazi-fascismo. E certamente, esta força expedicionária não há de faltar na hora da segunda-frente, que deve ser aberta o mais cedo possivel, porque nós somos dignos e fiéis discípulos de Bolivar.

O dia da bandeira Americana

O dia 15 de Junho foi comerorado nos Estados Unidos como o dia da Bandeira Americana. Poucas vezes esta grande Nação do continente teve uma oportunidade tão magnifica para festejar com toda honra e carinho o símbolo nacional. E' que o pavilhão americano, não simboliza, neste momento, apenas as lutas gloriosas de um passado que nos enche de respeito e de admiração. Ele é, atualmente, mais alguma coisa. E' o símbolo de um povo que sempre soube guardar e defender a sua liberdade e que, agora, ao lado de outros povos, está lutando pela liberdade e soberania de todos os povos.

A bandeira americana é tambem a nossa bandeira e a bandeira de todas as nações que lutam contra o nazi-fascismo. Porque a admiração com que a reverenciamos, igual à admiração que dispensamos, atualmente, a todas as bandeiras das Nações Unidas, é a mesma com que reverenciamos a nossa própria bandeira. Embora cada país guarde com o merecido carinho os seus símbolos nacionais, neste momento estes diversos pavilhões estão intimamente associados na bandeira da nossa luta de povos livres, a bandeira única da luta contra o fascismo.

A Constituição segue sendo a bandeira de luta para o povo argentino

RODOLFO PUIGGROS

Nota da Redação

No momento em que a Argentina atravessa um dos mais decisivos períodos de sua vida política, o artigo de Rodolfo Puiggros, grande historiador e sociólogo platino, que aqui estampamos, tem uma extraordinária oportunidade. Nele se expõe a luta, quasi centenária, do povo argentino pelo exercício dos seus direitos democráticos, consubstanciados na constituição de maio de 53. Não há outro objetivo na luta política das massas populares do país vizinho, alem do desejo de fazer com que a Constituição seja cumprida e respeitada.

o governo de Castillo, derrubado por um golpe militar, estava sendo um governo contra a Constituição. A ditadura militar de Ramirez, até o momento, não nos autoriza a pensar numa orientação mais democrática que a do governo anterior

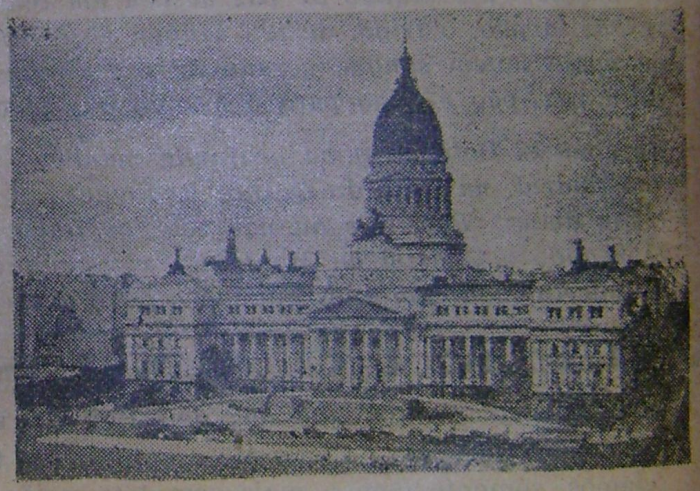
Mas o povo argentino sempre soube defender galhardamente os seus direitos, e por isso, é bem possivel que o atual governo revolucionário, procure, ainda, pôr-se em contato com o povo, seguindo os preceitos da Constituiuição de 1853.

A Constituição sancionada em 1.º de Maio de 1853 pelos deputados reunidos no Congresso Constituinte de Santa Fé, segue sendo, ainda, um instrumento de luta dos argentinos. Sem embargo, não transcorreram em vão esses noventa anos. Se os constituintes de 53 podiam temer que os cidadãos não estivessem educados para a prática das normas democráticas que sancionaram, e se Alberdi, em "Las Bases", chegava a assegurar que "o povo não está preparado para reger-se por este sistema superior à sua capacidade", hoje os termos se inverteram. O que foi em Santa Fé obra de juristas e programa de governo, foi convertido, em 1943, em patrimônio das grandes massas. A oligarquia progressista da segunda metade do século passado encontrava uma justificativa para os governos eleitores e para o patriarcalismo no manejo dos interesses políticos, dizendo que o povo argentino não estava preparado para dár conteúdo à democracia.

Essa justificativa não pode ser esgrimida pela oligarquia retrógrada de nossos dias. O povo argentino quer e sabe votar. Ele quer e sabe praticar a Constituição. O povo argentino vive irritado pelo cerceamento de liberdades e de direitos cujo exercício ordena a Carta Magna. Assim se explica que, ao comemorar o Dia dos Trabalhadores, com carater reivindicatório se comemore a sanção da Constituição de 53.

A CONSTITUIÇÃO COMO PROGRAMA

Fernando Lassalle, em seu estudo intitulado "Da Essência De Uma Constituição", reproduzido pela Revista Dialética, em Julho de 1936, diz que em todo país há duas constituições, a constituição "verdadeira", as relações reais entre as forças que existem num país, e a constituição "escrita" que, para distingui-la da anterior, chama-a, simplesmente, de uma "folha de papel". Pois bem, em 1843, a "constituição verdadeira" de nosso país, ou seja, as relações reais que existiam entre as forças que o compunham, estava determinada por uma série de fatores que podem ser resumidos da seguinte maneira: subordinação das massas urbana e rurais a uma minoria de grandes proprietários de terras e subordinação, por sua vez, desses grandes proprietários de terras ao mercado mundial, como único meio de fazer com que suas terras rendessem e se valorizassem ao produzir frutos cotizaveis nos centros capitalistas fundamentais. Havia passado a época do xarque, do couro e do sêbo. Abria-se a perspectiva da época do trigo, do milho, da carne conservada. Os antigos mercados da produção pecuária argentina — Cuba, Brasil, etc. — e a venda para o abastecimento dos barcos que abordavam na costa platense ou atlântica, não respondiam às imensas possibilidades latentes de produção do país. Os senhores da terra renegaram o anti-europeismo de Rosas e voltaram as vistas para o Velho Continente. Ali estavam França e Inglaterra, oferecendo, a mãos cheias, não sómente os produtos de suas manufaturas e fábricas, mas tambem oferecendo-se para adquirir matérias primas e alimentos, enviar técnica e técnicos, transportes e máquinas, civilização e riqueza. Um enorme arsenal de braços disponiveis, que a fome e a exploração da Europa brindavam à América, podiam cobrir o deserto de sulcos e encher as arcas dos possuidores de terras faceis e pulposas rendas. O sonho do "El Dorado" que inspirou a gesta dos primeiros conquistadores, seria, então, uma realidade, no cumprimento do apotegma famoso de Juan Bautista Alberdi: "Governar é povoar". Assim nasceu a "constituição escrita", que a intelectualidade progressista idealizou para fazer progredir a República e a oligarquia dos possuidores de terras exibiu como programa para atrair a imi-



Edifício do Congresso, que foi fechado por ordem do gal. Rawson. A dissolução do Congresso foi um golpe seríssimo desfechado pelo novo governo contra a Constituição do povo argentino.

gração e os capitais que a enriqueceram. Porque a Constituição de 53 foi para a oligarquia dominante um programa de ação e não uma realidade viva, e os intelectuais mais avançados da época se preocuparam, antes de tudo, em elevar o povo à condição de exercer seus direitos, em educá-lo e criar a democracia Era uma arma perigosa a que empregava a oligarquia. Sarmiento e Alberdi sabiam muito bem, não obstante suas divergências pessoais, que com a imigração, a colonização e a educação se minavam os cimentos do poder dos caudilhos feudais. As terras povoaram-se, centenas de cidades e vilas levantaram-se no deserto, o ferro-carril uniu as regiões, uma corrente contínua e crescente de mercadorias começou a ir e vir da Europa, apareceram o proletáriado, os camponezes arrendatários e os pequenos proprietários, foi tomando corpo uma burguezia rural, levantaram-se as primeiras chaminés, as relações capitalistas de produção e intercâmbio penetraram na rede de relações feudais derivadas da Colônia. O processo foi regulado pela oligarquia dos latifundiários; aceitou-o e fomentou-o, na medida em que acrescentava as suas rendas. Mas o processo criava, apesar da oligarquia, classes e relações de classes novas. E essas classes novas exigiram um dia que a "constituição escrita" fosse a "constituição verdadeira", que deixasse de ser uma promessa para se converter na lei da República. Em 1890 houve a crise desse estado de coisas. O Manifesto da Junta presidida por Leandro N. Alem, datado de 26 de Julho de 1890 diz: "O movimento revolucionário deste dia não é a obra de um partido político. Essencialmente popular e impessoal, não obedece nem responde às ambições de círculo ou homem público algum. Não derrubamos o governo para separar homens e substituí-los no poder: **derrubamo-lo porque não existe na forma constitucional; derrubamo-lo para devolvê-lo ao povo afim de que o povo o reconstitua sobre a base da vontade nacional**...

Á União Cívica se deu um programa que não era a Constituição, senão o cumprimento da Constituição. Mais tarde, quando, já formada a União Cívica Radical, perguntaram a Hipolito Irigoyen qual era o programa do partido, o lider respondeu: "Fazer com que se cumpra a Constituição". Tinha um sentido histórico esta resposta, que passou inadvertida aos criticos superficiais do radicalismo.

A LUTA PELA CONSTITUIÇÃO

O processo democrático seguiu avançando, favorecido, politicamente, pela posição de intransigência, frente ao oficialismo oligárquico, mantida pela União Cívica Radical desde o seu nascimento, exposta no manifesto de 2 de Julho de 1891, nos seguintes termos: "A União Cívica Radical não se propôs a elevação de um homem ao poder, senão a modificar o regime imperante. A conciliação com o oficialismo, serveria para manter e consolidar aquilo que se propôs destruir, a União Cívica Radical, com o aplauso do país inteiro. Por isso não se debate a honradez de personalidades; trata-se dos direitos do povo que, em nome da força, se quer suprimir, violando a resolução de uma Convenção que interpretou, fielmente, a vontade nacional." O povo iniciava a luta pela Constituição. Essa teria seu triunfo com a sanção da lei Saenz Peña e a chegada do radicalismo ao poder. Mas as relações reais que existiam entre as classes, relações que se haviam modificado, é certo, depois de 53, não haviam derrocado o poder da oligarquia. Ali estava ela vigilante, pondo obstáculo ao desenvolvimento da democracia, intigrando, corrompendo, caluniando, preparando-se para a "revanche. Já não necessitava imigrantes. Os que vieram, anteriormente, já a enriqueceram. Os que viessem agora poderiam ser uma ameaça. Contentava-se com uma Argentina de treze milhões de habitantes, dirigida patriarcalmente por umas quantas familias, com um povo resignado e conformista. Mas, apesar da opressão, o povo encontrou suas válvulas de escapamento. Se no 8 de Setembro de 1930, o ministro do Interior da ditadura uriburista proclama do balcão da Casa Rosada uma campanha de ódios e vinganças, o povo argentino não demonstrou ser resignado nem conformista. Lutou a classe operária, com seu partido, seus sindicatos e suas diversas organizações; formou nessa luta quadros aguerridos, abnegados e politicos. Lutaram os operários comunistas, socialistas, anarquistas. Lutaram grandes partidos populares e o radicalismo provou vitalidade em expressões combativas que usaram o cárcere a muitos dos seus dirigentes.

A grande bandeira da Constituição, hoje desenrolada pelo povo, volta a cobrir, como nas jornadas de 90, a todos os argentinos. Não é um movimento de partido. E' um movimento nacional dos quais só se excluem os oligarcas e seus satélites. Não é um movimento que se justifique unicamente com palavras. Requer uma intervenção prática, clara, que não deixe margem a nenhuma dúvida sobre a decisão unitária. Nenhum partido se sobrepõe a outro. O povo é que decide. Por isso, ao esperar a reunião da próxima Convenção Cívical Radical, fazemos votos para que se inspire naquelas outras que deram ao partido a força, a coesão e a eficácia de seus melhores tempos, quando não se fazia questão de homens, senão de mudar o regime imperante. E em vésperas da reunião das mais altas autoridades do Partido Socialista, desejamos que os interesses da Nação e do povo e a unidade se confirme, rompendo as manobras, nem sempre visiveis, da oligarquia, para dividir as forças que se lhes opõem.

Marcharemos assim unidos até lograr que a Constituição não seja letra morta e que a democracia argentina destrua seus inimigos do momento: a oligarquia reacionária e o nazismo que se esconde atrás dela..

LITERATURA DE GUERRA

GIOVANI GUIMARÃES

A literatura em todo o mundo, mesmo antes de estalar o conflito atual, procura assinalar-se por uma característica marcadamente realista e intencionalmente voltada para a grave crise socio-econômica, iniciada em 1937, fazendo ressaltar, com as operações militares posteriores, os problemas políticos e econômicos determinantes da hecatombe. Escritores de todos os matizes escreveram e tornam a escrever sobre a política, sobre a guerra, sobre o fascismo, acerca dos judeus, em torno da alvissima gravata de Laval, o porcalhão, conceitos filosóficos quanto ao faro perdigueiro do gigantesco nariz de George Bonet, camareiras que espiam Hitler pelo buraco da fechadura, um banqueiro nazista fingindo acusar seus comparsas bandoleiros, jornalistas de renome narrando reportagens verdadeiras e rocambolescas, católicos, protestantes, metodistas, quer do hemisfério ocidental, do velho mundo ou do oriente misterioso, todos, todos pegam da pena e eis que surge mais um livro que, nas bibliotecas particulares ou prateleiras humildes, vae arrolado como "literatura de guerra".

Bôa ou má, ela é chamada assim.

O último livro é sempre uma sensação, mesmo tendo o seu autor compilado as páginas do penúltimo. Esta literatura chamada de guerra tem seus beneficios, mas não está longe de fazer mal. Ha algum tempo, as nossas livrarias encheram suas estantes com uma brochura de aspecto berrante, podendo-se ler, á distancia: "Eu vi a França caír". Muita gente jogou dinheiro fóra. Poucos seriam aqueles que conheciam o nome do genro de Pierre Laval, autor do embuste que visava, exclusivamente, defender a "personalidade" do sogro mais salafrário da França. René Chambrun, dos que mais ajudaram a França a caír, entretanto, não é um literato perigoso, pois, suas obras principais são despretenciosas trapaças para acabar de vez com o "pé de meia" dos gaulezes teimosos. O perigo real, resiste em alguns "grandes escritores" cujo veredito sobre qualquer assunto torna-se um dogma de fé para meio mundo. Ainda outro dia, lemos a barbaridade, escrita por um fascista, já se vê, de que o sr. André Maurois, é direitista-conservador e anti-nazista". Não que o sr. André Maurois, em pessôa, seja perigoso, apesar da fama de grande escritor. O sr. André Maurois com seus livros sôbre política (diz-se que seus bens foram confiscados), nunca pretendeu outra coisa senão amealhar bons arames bastantes para pagar trens de luxo e cabarets elegantes das cidades norte-americanas, coisa que muita gente adora. O perigo do "grande escritor" inofensivo está nos leitores que possue. E' claro que o conteúdo de "A tragedia da França", por exemplo, não faz mal a uma mosca. Depois de sua leitura a gente tem a impressão de ter bebido um copo de água, sem estar com sêde. Todavia, está-se desprevenido, surge um outro leitor e diz: — "Maurois é formidavel. E' o maior escritor da França. Dos maiores do mundo". Isto fica. Dias depois, os referidos *fans* lêem uma crítica: — "O genial escritor francês é direitista-conservador e anti-nazista". E' o bastante, para Maurois tornar-se, sem o saber, perigoso. Ai de quem acusar a *direita* de quinta-colunismo! (O mal do "grande escritor" pode ser comparado ao riso do debil mental, dez minutos depois da anedota contada). O "grande escritor", daqueles que sempre aparecem nos cabeçalhas sensacionalistas de certos jornais, geralmente sente mêdo de escrever as cousas que observa. Lança mão das entrelinhas, omite fatos de importância e narra com um habil burilado de frases, episódios infantis, românticos, cenas de alcova, um crime passional, sem sangue, distraindo a atenção do leitor que aguarda algo de sério na página seguinte ou no próximo livro, por sair. Depois de lido o livro inteiro, seu fiel publico, entre a dúvida e a confiança, espera a confirmação sempre adiada. Enquanto isso, a mística confusionista ganha terreno: — "Direitista-conservador e anti-nazista".

Casualmente chega às mãos do público, de um dêsses "grandes escritores" um livro sério, digamos, "A batalha pela posse do mundo". Nesse livro não se encontra nenhuma descrição do decote da amante de algum mi-

(*Continúa na página 34*)

A ATUALIDADE DE RUI

NELSON DE SOUZA SAMPAIO

(*) Trecho da conferência pronunciada em 28 de Fevereiro de 1943, na Faculdade de Direito da Bahia, no primeiro dia do tríduo comemorativo do 20.º aniversário da morte de Rui Barbosa. Essas solenidades foram patrocinadas pela "União dos Estudantes da Bahia."

Não poderia Rui supor que o vigesimo aniversário da sua morte se comemoraria num mundo novamente convulsionado pela guerra. Como ha 27 anos atrás, teria de sentir a amargura pela crua negação dos principios que o seu cerebro de jurista e humanista prescreveria para a justiça e a paz internacional. Mas, ainda desta vez, estou certo, o idealista não esmoreceria em reinvindicar o primado da força moral em face de um mundo entregue à voragem da força bruta. Novamente reafirmaria a sua fé de que a reconstrução só poderia ser feita pelo imperio da justiça.

A sua voz recobraria um vigor tão grande como o da conferência de Buenos Aires, em 1916. Muitas das páginas, que então grafara, são tão atuais que nos dão a impressão de que o conflito de hoje não seja mais do que uma reedição ampliada e aperfeiçoada da última Grande Guerra. Algumas delas parecem mesmo ajustar-se com mais evidente propriedade para a conflagração dos nossos dias do que para a anterior. Vede se não é mais tangivel hoje do que ontem a sua afirmativa de que "o culto do Estado precedeu o culto da força militar, a estatolatria"? Vede se não é mais palpavel a sua consideração de que "uma das feições caracteristicas da guerra atual está no sentimento generalizado hoje entre os próprios combatentes de que esta guerra é uma guerra de idéias"?

Sem dúvida, no grande conflito armado, que hoje ensanguenta todos os Continentes, entra em grande dose — não ha negar — o fator econômico. Lutam as Nações sequiosas de reservas de territórios e matérias primas contra as Nações que as possuem. Não tenhamos receio da verdade, todos nós, que lutamos por ela convictos de que somente ela libertará o mundo, como já havia proclamado o Evangelho. Mas é preciso acrescentar que se enganariam todos aqueles que se cingissem a encarar o problema em foco, exclusivamente do ângulo econômico. Se assim fôra, a oposição que fizessemos não passaria de uma legitima defesa das nossas posses — sobejamente justificada, é verdade, pois que o suposto ariano puro ou qualquer dos seus companheiros de agressão não teriam melhores títulos para detê-las do que nós. Mais do que uma repartição, querem tambem uma hegemonia. Mas, essa pretensão, já de si tão insolente, tem uma face mais negra ainda: é que esse novo reajustamento, a ferro e fogo da riqueza mundial, se faz anunciar e seguir de uma total subversão dos ideais que teem alevantado o homem acima da animalidade.

Esse crime contra a humanidade foi cometido antes do atual da conflagração bélica. Antes de ser travada, com máquinas mortiferas, na terra, nos mares e no ar, a guerra foi travada nos espíritos. Não foi apenas a premeditação requintada e confessada da agressão, quando a elite do mundo trabalhava em buscar fórmulas de preservação da paz. Ao par disso, e para melhor atingir esse objetivo, não se titubeou em lançar mão dos meios mais repugnantes à conciência da nossa civilização, cujas bases morais e juridicas se procurou destruir. Transformou-se a mentira em dogma, advogou-se a deslealdade, baniu-se a ciência livre, comprimiram-se as conciências, instituiu-se a subserviência como virtude primeira, subornaram e corromperam os fracos, assassinaram, prenderam, torturaram e deportaram os adversários. Arrancaram dos espíritos todos os escrúpulos, cultivando no inconciente das multidões os mitos mais irracionais e criminosos, que se nutriam do ódio, do medo e do terror. Não se vacilou mesmo diante do crime máximo que podem praticar os governantes, por ser praticado não apenas contra o presente, mas contra o futuro: o da perversão da educação, cujo monopólio se reivindicou para alimentar as novas gerações com esta triste dieta mental — tão generalizada hoje —, a que se chama de "propaganda oficial", e que ha de estarrecer o homem de amanhã se tivermos o desprendimento suficiente para construir-lhe um mundo menos irracional. O plano era o de construir de um lado o Estado divinizado entregue a chefes irresponsaveis, e, do outro lado, a completa anulação do indivíduo humano até transformá-lo no mais cego animal de rebanho.

Bem sabemos que a gestação desse estado de cousas é de longa data, e, de ha muito, filósofos e ensaistas, aqui e alí, conceberam doutrinas dessa natureza. Mas o que agora presenciamos é o seu aperfeiçoamento extremo, com um luxo de minúcias, e a sua realização prática tão primorosa que excede as mais audazes fantasias dos seus teóricos e precursores.

Não é de causar surpresa, pois, que chegassemos à situação de hoje. E forçoso é confessar que para ela todos teem um maior ou menor grau de culpa. Já não quero referir-me aos que ansiavam, em várias partes, por abrir as portas aos invasores, fazer-lhes a recepção com um cerimonial das mais ignobeis prosternações. Estes preparavam voluptuosamente as suas próprias grilhetas, e, conciente ou inconcientemente, erguiam com suas próprias mãos as senzalas em que vegetariam como escravos ou servos da gleba a serviço dos senhores nórdicos, detentores do privilégio industrial.

Não, não foram esses os únicos culpados. Mesmo entre os que foram inimigos da hidra quando ela ainda estava em incubação, poucos, num rigoroso exame de conciência, poderão tranquilizar-se de ter empregado todas as forças de que dispunham no seu combate. A generalidade, porem, assistiu, em meio da maior impossibilidade ou displicência à germinação das idéias e dos atos, que haveriam de produzir a grande colheita de tempestades de hoje (1) Havemos de convir, com um escritor contemporâneo, que um "sintoma dolorosamente significativo é a indiferença com que o público do século XX reage aos

relatos e mesmo às fotografias e aos filmes de massacres e atrocidades. Pode-se alegar, em sua desculpa, que, desde os vinte anos, as pessôas se saturaram tanto de horrores, a ponto dos horrores não excitarem mais a sua piedade para com as suas vítimas nem indignação contra os seus autores. Mas o fato da indiferença permanece; e, uma vez que ninguem se preocupa com os horrores, sempre se perpetram outros novos". (Aldous Huxley "La Fin et les Moyens".

Ainda antes da catástrofe se calculou (2) que apenas dez por cento da população do mundo queriam a guerra. Mas é uma contestação amarga a de que esses dez por cento tiveram a coesão suficiente para impôr a guerra aos restantes noventa por cento da humanidade, impotentes para impôr a paz aos primeiros. E que, desses noventa por cento, podemos adiantar que poucos teriam querido a paz com o necessário vigor. Os que não aninharam, mesmo involuntariamente, uma secreta cumplicidade com os instintos agressivos do seu próprio "eu", se mantiveram numa posição neutral de tibieza. Pertenciam ao grande número dos que viram ou souberam dos massacres de inocentes, a perseguição aos judeus, a campanha contra a liberdade da religião e da ciência, a tortura dos campos de concentração, a apologia da delação, do terror e da rapina internacional, o aviltamento da juventude — aqueles que viram tudo isso, e mesmo quando não o justificaram abjectamente, relegaram a um plano secundarissimo no ról das suas cogitações diárias. Taxavam tudo isso de "política", e se sentiam exculpados propalando, desvanecidos, que não se interessavam por assuntos desta ordem, já sendo a sua vida solicitada em demasia, em direções dispersas, pelas multiplas atividades deste mundo complexo: os negócios, as seduções de toda classe, os esportes, as modas, ou as diversões. Esqueciam-se de que desinteressar-se por quais sejam os seus governantes, tolerar, em qualquer latitude, os chefes irresponsaveis, ser complacente com o arbitrio e a injustiça significa sempre um malefício possivel contra a sua sorte individual e um malefício certo para a sorte de milhares de semelhantes seus.

Devemos estar alertas contra esta tendência da nossa época, que proclama a abolição de toda a vida privada, e, ao mesmo tempo, impede os indivíduos de se interessarem pelos negócios politicos, ou não lhes fornece, pela educação defeituosa ou pelo regime de governo, uma conciência pública livre e inteligente, justamente quando ele mais necessita. Nesse ponto, poderá ser util a todos o aviso do próprio Hitler, ao dizer, no "Mein Kampf": "quem não entende de política perde o direito a qualquer crítica, a qualquer reivindicação".

Quando indagaram a Solon qual a cidade melhor policiada, a sua resposta foi está: "E' aquela em que todos os cidadãos sentem a injúria feita a um deles e procuram a reparação dela com tanto interesse como aquele que a recebeu". — A resposta tem vigência para o mundo de hoje, que se tornou pequeno numa proporção que poderiamos compará-lo à Atenas daquele tempo. A experiência nos ensina, de maneira dura, que um tiro disparado nas fronteiras da Mandchúria vem ecoar nas selvas do Amazonas uma injustiça feita à uma Nação de negros da Africa vem se refletir dentro dos nossos lares.

O mundo tornou-se uma delicada sinergia econômica e política. E' mister compenetrar-nos da necessidade de cultivar a unidade moral correspondente, sem a qual toda a riqueza das criações humanas cairão sobre as nossas cabeças.

Aquele mesmo Solon, nas suas leis, estabeleceu uma disposição que cobria de ignóminia todo individuo que numa sedição não se declarava por nenhum partido. Queria o legislador ateniense limpar a sua Cidade dos oportunistas, de todos aqueles que esperam inertes o desenrolar da luta para se unir aos vencedores na hora da partilha dos despojos. Plutarco taxou de extravagante essa sua lei. Se quando se trata de pequenas questões esse julgamento se justifica, o mesmo não se pode dizer quando se trata das contendas que jogam com as grandes causas humanas. Aí, a indiferença seria, sem dúvida, criminosa, e explicaria o rigor daquela lei. Se ela hoje existisse, Rui seria dos que jamais incorreriam em sua infração, diante da luta que divide o nosso mundo. A voz que primeiro se ergueu em defesa de Dreyfus, estaria agora apostrofando contra a perseguição, o massacre e a espoliação dos judeus. A conciência que ontem defendia os direitos da Polônia, estaria acusando os seus algozes de hoje. A emoção que se revoltara pelo martírio da Bélgica, estaria outra vez articulando a sua indignação. A mesma palavra que, tantas vezes, se levantara valentemente em pról dos pequenos Estados, estaria pugnando pela libertação de todas as pátrias infelizes, que cairam sob o jugo da rapina nipo-nazi-fascista.

DEPOIS DESTA GUERRA... (Continuação da página 22)

sinformados do senso da imprescindível comunhão dos homens como decorrente da bôa moral social, quanto ao que virá para a humanidade depois desta guerra.

E não há dúvida que têm razão os que tais apreensões alimentam, uma vez que olham e consideram a sociedade humana pelo prisma único de suas relações de ordem individualista, política e econômica. E têm razão porque, infelizmente, ainda pouco ou nenhum caso se faz da moral, como principal ponto de partida para a solução do problema máximo do homem sôbre a terra — o problema social.

A grande revolução social, no mundo, começou pela proclamação dos direitos do homem. Mas, não é só do reconhecimento dos direitos do homem que a sociedade carece para viver em paz. E' preciso que se reconheçam e principalmente se observem os direitos de Deus sôbre os homens, sôbre a sociedade, sôbre o Estado, sôbre tôdas as coisas, enfim. E, então não haverá mais problema nem questão social, reinará a bôa ordem moral na sociedade, com a perfeita compreensão de que Deus prodigalizou à humanidade tantas fôrças e ao mundo tantos bens, que todos os homens podem viver a sua vida transitória na terra, por maior que venha a ser o seu numero, na mais perfeita solidariedade.

EM TORNO DO CINEMA POLÍTICO

WALTER DA SILVEIRA

E' possivel o cinema politico ?

Esta pergunta arrasta a uma outra, mais característica e mais geral : é possivel a arte politica ? Mas, ainda existirá dúvida sobre a possibilidade de uma arte politica, intencional, de propaganda ?

Os tempos se encarregaram de mostrar que a arte nem só é produto de uma definida e limitada condição social, espelhando o clima de sua creação, mas tambem serve de instrumento e de propulsor para uma idéia em marcha, um regime a se defender ou uma educação que forme um novo e libertado espírito. Embora essa determinação viesse do início, desde as origens primeiras da arte, só na idade contemporânea, eminentemente política, é que se levantou e se esclareceu o problema da politização da arte, como conteúdo e como fim. E' certo que muitos intelectuais revoltaram-se contra o aceitamento dêsse problema e ainda mais contra a aceitação do seu resultado, erigindo, num preconceito de decadentes, a teoria da arte purismo, em que a arte para ser arte havia de estar acima de qualquer finalidade e partidarismo políticos, não descendo a funcionar, como interessada, nos destinos do homem em suas lutas e entrechoques sociais. E é triste de vêr-se que, mesmo agora, essa posição falsa ou deshonesta continúa a existir, embora diminuida, em vários países, a ponto de um escritor como Aldous Huxley negar-se obstinadamente a sair de sua atitude au - dessous, sem querer aceitar os seus deveres históricos de intelectual, mas reivindicando os seus direitos eternos de pensador. De qualquer sorte, porém, o espírito do mundo e dos tempos atinge o espírito da arte — para a liberdade ou para a repressão —, tendo os seus creadores de reconhecer o carater politico de sua essência, e a necessidade de usá-la contra ou a favor dos seus objetivos. E esta guerra o demonstra, decisoriamente, quando põe a serviço dos seus ideais um quadro de Picasso, um romance de Steinbeck, um cântico de Pablo Neruda ou uma sinfonia de Shostakovich. A arte lutando, dirigindo, esclarecendo. Propaganda intencional. E nem por isso inferioridade estética. "La belleza, como la ética, son valoraciones humanas". E dessa qualidade só decáem quando fógem de reproduzir "as correntes emocionais do complexo social" que lhes dá nascimento e vida.

Se é possivel arte politica tambem é possivel cinema politico. Porque o cinema é uma arte. Não vem, ao caso, a discussão de ser o cinema realmente uma arte, ou menos ou mais, porque o tenho na categoria filosófica de uma arte. Tudo me diz na sua ideiação e em sua composição que é uma arte. Não destróe êste conceito o seu destino de somar as artes, que é uma tendência compativel com as tendências da humanidade, em sua marcha para a síntese.

Como nas outras artes, no cinema sempre houve, como elemento de informação, um sentido de classe, de grupo ou de nacionalidade, embora, às vezes, se o desconhecesse ou negasse. O partí-pris existe ou nos fins ou nos meios, como preliminar consciente ou como obscura transposição. Quando não se encontra, em um filme de qualquer tempo ou de qualquer parte, a intenção direta de atacar ou defender a ordem moral e econômica de um povo, de uma classe ou de um partido, se encontra no filme o retrato estético ampliado do comportamento psicológico-social do centro que o fabricou. E' um fato sabido e aceito por quantos estudam, a sério, o cinema, que se imprime na producão cinematográfica, de um modo geral, o estilo nacional de cada país creador, ficando gravado na forma de realizar o filme o temperamento da nação. Nao há espectador constante que não distinga, em face de uma película, a nação que a fez — quando não é o tema, é o tratamento do tema, a técnica de objetivá-lo, que conduz à verificação. Entre um filme alemão e um filme ianque vai uma distância enorme. Tão enorme como entre um filme russo e um filme francês. E certas realizações particulares, que põem dentro de um país o estilo e a técnica de um outro país, acentúam, como exceção, esta regra geral. Mas, distinguir só é possivel, conquanto fácil, porque o espírito da classe ou da ordem dominante fica marcando a linha do filme, desde a moral e o sentimento do fundo ao ritmo exterior da construção e da narrativa, da base à superfície. E valha ainda a consideração de que o cinema é uma indústria e um espetáculo — e como indústria acompanha o sistema econômico nacional, e como espetáculo atúa sobre o povo, dele, em troca, recebendo influência. De modo que não há pretensão maior ou audácia de querer muito em se conduzir o cinema para um plano de atividade política direta e disciplinada, na campanha por uma causa ou por uma ideologia. Sómente sinceridade de reconhecer a sua posição.

Aliás, a tendência mais vitoriosa do instante cinematográfico é justamente a sua politização. Dentro de uma guerra que, acima do conteúdo econômico, apresenta uma superfície realmente política, todas as artes, e entre elas sobretudo o cinema, haverão de ser aproveitadas para convencer o homem da necessidade humana e social de lutar, e lutar por algum princípio ou contra os demolidores dêsse princípio. Não temos assistido o cinema fascista sobre a guerra, de que só vagamente os jornais, por vezes, nos falam, mas creio que os seus filmes terão o mesmo sentido de combate e de proselitismo contido nos filmes a que assistimos, organizados pelo cinema democrático sobre a hecatombe. Alguns estúdios continúam a fazer as obras medíocres e futeis de sempre, que desmoralizaram para alguns o cinema, porém, é crescente o número de películas que visam, intencionalmente, nos países livres, demonstrar no mais simples dos espetáculos, a face horrenda da ordem fascista e os meios de batalhar contra ela, defendendo a cultura, o amôr, o trabalho e a justiça, que nela não existem, e nem podem existir. E o crescendo não é só de produ-